

Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

3

Para que acreditem e tenham vida

Orientações para a catequese actual

Documento da CEP

Edição e Propriedade

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

Contribuinte: 501104038

Campo Mártires da Pátria, 40 - 1150-225 LISBOA

Telef.: 21 885 12 85 Fax: 21 885 13 55

E-mail: educacao-crista@sapo.pt

Director

Augusto Manuel Arruda Cabral

Conselho de Redacção

Tomaz Nunes, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos, António Marcelino
M^a Helena Pereira, Cristina Carvalho, Paulo Morgado, Albertino Silva, José Almeida

Sede da Redacção

Campo Mártires da Pátria, 40 - 1150-225 LISBOA

Paginação e Montagem

Ângela Baptista

Tiragem

2000 exemplares

Condições de assinatura

Número Avulso: 5 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

Nº de Registo

124627

Impressão

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

Depósito legal

221 724/05

Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas

Índice

Para que acreditem e tenham vida [9-32]

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

COMENTÁRIOS

Oportunidade e necessidade deste documento [35-36]

D. TOMAZ SILVA NUNES

Catequese, entre a crise e a renovação [37-41]

RUI ALBERTO ALMEIDA

Catequese e iniciação cristã [43-47]

JOÃO MANUEL DE OLIVEIRA RIBEIRO

Catequese de adultos [49-51]

ANTÓNIO COELHO DE CARVALHO

Perfil do catequista [53-61]

JOSÉ CARDOSO DE ALMEIDA

Catequese e catecismos [63-67]

ANTÓNIO M. MOITEIRO RAMOS

O Bispo, primeiro responsável da catequese [69-74]

D. MANUEL PELINO DOMINGUES

E... os destinatários [75-80]

ALDA REGO

Incidências pastorais [81-84]

MANUEL QUEIRÓS DA COSTA

LEITURAS

Secretariados de catequese [87-94]

BRAGA

COIMBRA

FUNCHAL

LAMEGO

ESTUDOS RELACIONADOS

Catequese e transmissão de fé [97-100]

LUÍS MIGUEL RODRIGUES

Catequese e nova evangelização [101-105]

D. ANACLETO DE OLIVEIRA

Uma leitura do mundo de hoje [107-114]

CRISTINA DE SÁ CARVALHO

A recepção do DGC em Portugal [115-119]

JOÃO RIBEIRO / J. CARDOSO DE ALMEIDA

Editorial

P. AUGUSTO CABRAL (*)

É do conhecimento geral que se estão a renovar os catecismos para os respectivos anos de catequese, como determinado pela Conferência Episcopal Portuguesa.

E, digo renovar, porque não se estão a fazer catecismos totalmente novos. Sabemos que a mensagem é, fundamentalmente, sempre a mesma, como são as mesmas fontes onde todos vamos beber: a Sagrada Escritura, a Tradição e o Magistério da Igreja. Todavia, a comunicação da revelação tem de ser, permanentemente, renovada nas suas estratégias e adaptada às circunstâncias e exigências próprias de cada época, de cada país e de cada idade.

É o que se está a tentar fazer em Portugal, a nível catequético, com a renovação dos catecismos, tendo em conta o lugar da catequese na nova evangelização e assumindo os conteúdos da fé, propostos pelo Catecismo da Igreja Católica, assim como a oferta de novos elementos pelo Magistério da Igreja, que vêm enriquecer a concepção da catequese e os seus conteúdos e convidar à renovação desta acção pastoral importantíssima na missão da Igreja. Por isso e em boa hora, a Conferência Episcopal Portuguesa decidiu publicar estas “Orientações gerais para a catequese”, antes da publicação dos esperados catecismos, com os seguintes objectivos: aplicar ao nosso contexto e à nossa situação eclesial as novas perspectivas do Directório Geral da Catequese; fazer uma reflexão ampla sobre os principais aspectos da catequese que proporcione uma visão de conjunto da renovação pastoral desta actividade em diversas vertentes e a diversos níveis.

Elas são uma síntese das principais questões relacionadas com a catequese. Por isso, trata-se de um texto para ser reflectido, assimilado e partilhado por todos os agentes da educação da fé: pais

* Director.

e educadores, párocos e catequistas, cristãos empenhados na vida da comunidade.

Esclarecem também a importante função dos catecismos na transmissão da fé, afirmando que tem de ser a comunidade cristã a dar-lhes vida.

Finalmente, oferecem os critérios que devem estruturar os catecismos para que iluminem, com a luz do Evangelho, as experiências humanas dos catequizandos e todas as realidades da vida humana.

A “Pastoral Catequética” oferece, com alegria e esperança, este instrumento de trabalho, e de reflexão, colocado à disposição dos agentes da educação da fé de todos os cristãos co-responsáveis na comunidade, esperando que ele produza frutos saborosos para o crescimento do Reino, tanto a nível pessoal como comunitário e eclesial.

Para que acreditem e tenham vida

Orientações para a catequese actual

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA

1. INTRODUÇÃO: A RENOVAÇÃO DA CATEQUESE

A renovação dos catecismos que, neste momento, se torna urgente, leva-nos a tomar consciência da necessidade de esclarecer a identidade da catequese que pretendemos pôr em prática. Os catecismos são instrumentos para fazer catequese. Para definir as características dos catecismos, precisamos de esclarecer também a obra que queremos realizar com eles e o contexto em que devem situar-se, ou seja, a educação da fé que conduza ao crescimento da vida cristã.

A catequese encontra-se, há várias décadas, num processo de renovação de forma a responder às profundas mudanças do contexto cultural. Como declarou o Sínodo de 1977: *“A renovação da catequese é um dom do Espírito Santo concedido à Igreja nos dias de hoje”*¹. Verificou-se, primeiramente, a nível pedagógico, integrando os métodos activos, procurando uma relação mais forte com a vida, adoptando os áudiovisuais, prestando maior atenção à dinâmica do acto catequético. Depois, sobretudo com o Concílio Vaticano II, renovaram-se também os conteúdos doutrinários, seguindo a perspectiva da história da salvação e acompanhando o ritmo do ano litúrgico. A catequese torna-se mais bíblica e mais ligada à experiência dos catequizandos e das comunidades. Como regista o Directório Geral de Catequese: *“Os trinta anos decorridos desde a conclusão do Concílio Vaticano II até aos umbrais do terceiro milénio constituem, sem dúvida, um tempo extremamente rico de orientações e propostas para a catequese. Foi um tempo que, de alguma maneira, recuperou a vitalidade evangelizadora da primeira comunidade eclesial; foi um*

¹ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, n° 3.

tempo que relançou oportunamente o ensinamento dos Padres e favoreceu a descoberta do antigo catecumenado"².

A Igreja em Portugal procurou acompanhar a renovação catequética conciliando definindo um programa de catequese para a infância e adolescência traduzido num itinerário de dez anos [com dez catecismos], aprovado pela Conferência Episcopal Portuguesa, em Novembro de 1988. Estes dez catecismos, publicados a partir de 1991 e 1992, contribuíram para um itinerário mais extenso da catequese de iniciação, para um reconhecimento da importância da catequese, para uma dedicação mais generosa e uma formação mais sólida dos catequistas e, certamente, também para o crescimento das comunidades.

Hoje, a generalidade das paróquias têm a funcionar o itinerário de dez anos de catequese, frequentado por uma percentagem notável de crianças. A quase totalidade chega à Primeira Comunhão. Muitos até ao Crisma. O número de catequistas aumentou e a preparação procura ser mais cuidada. A catequese dos adultos e dos jovens é também uma realidade cada vez mais consistente.

a) Enriquecimento da concepção de catequese e dos seus conteúdos

No entanto, após a publicação dos catecismos, várias mudanças significativas pedem uma renovação continuada da catequese e uma revisão dos catecismos. Verificaram-se profundas mudanças culturais na sociedade, na família, na prática religiosa das pessoas que colocam dificuldades sempre diferentes à educação da fé. A situação dos catequizandos apresenta-se cada vez mais diversificada, tanto a nível de idades como a nível religioso. Chegam muitas crianças à catequese sem os rudimentos de vida cristã, a necessitar do despertar da fé. Aparecem igualmente muitos adultos e jovens com percursos muito variados. A indiferença religiosa difunde-se cada vez mais. O laicismo militante cria muita confusão e dúvidas acerca da verdadeira identidade cristã. A ignorância religiosa continua profunda, apesar de muitos completarem o itinerário de dez anos. O afastamento da prática dominical parece aumentar. Muitas crianças que frequentam a

² Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 2.

catequese não participam na Missa dominical. Chegados ao Crisma são bastantes os que abandonam a Eucaristia.

Esta situação precisa de ser consciencializada e reflectida por todos nós. Estaremos a formar discípulos de Cristo se, após dez anos de catequese, não estão esclarecidos sobre os elementos fundamentais do cristianismo, não têm contacto habitual com a fonte da vida que é a Eucaristia, não mostram prática da oração nem necessidade de escutar a Palavra da vida? Que factores devemos ter em conta na catequese para que realize eficazmente a transmissão da fé?

Por outro lado, nestes últimos anos, o Magistério da Igreja ofereceu-nos novos elementos que vêm enriquecer a concepção de catequese e o seu conteúdo e convidam a continuar a renovação desta acção primordial da missão da Igreja. Entre estes textos devemos destacar: “O Catecismo da Igreja Católica” (11 de Outubro de 1992) “*como texto de referência, seguro e autêntico, para o ensino da doutrina católica e, de modo particular, para a elaboração dos catecismos locais*”³; o “Directório Geral de Catequese” (Vaticano, 15 de Agosto de 1997) “*um subsídio oficial da Santa Sé para a transmissão da mensagem evangélica e para o conjunto do acto catequético*”⁴. Outros documentos recentes do Magistério, de modo especial as Exortações Apostólicas relacionadas com a evangelização do Novo Milénio e do continente europeu – “Tertio Millennio Adveniente” (10 de Novembro de 1994); “Novo Millennio Ineunte” (6 de Janeiro de 2001); “Ecclesia in Europa” (28 de Junho de 2003) – oferecem-nos também elementos de grande riqueza para a análise dos sinais dos tempos e para a renovação da acção da Igreja, designadamente, da catequese.

b) Aspectos da catequese a reflectir

À luz destes documentos, achamos, portanto, necessário fazer uma reflexão sobre os principais aspectos da catequese que proporcione uma visão de conjunto da renovação pastoral desta actividade: as dificuldades e as possibilidades da transmissão da fé no mundo de hoje; a catequese na perspectiva da nova evangelização, tão recomendada para o novo milénio; a catequese ao serviço da iniciação cristã; a catequese como tarefa de toda a comunidade e as diferentes

³ João Paulo II, Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, nº 4.

⁴ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 120.

responsabilidades pastorais dos seus membros; a necessidade de percursos catequéticos para todas as idades; e, finalmente, os critérios de renovação dos catecismos. Procuramos apresentar uma visão resumida das principais questões de modo que este texto possa ser reflectido por todos os agentes da educação da fé – pais e educadores, párocos e catequistas, cristãos empenhados na comunidade. Desejamos promover uma reflexão ampla e de conjunto pois a catequese é função de toda a comunidade cristã e só com o compromisso dos fiéis mais empenhados se pode alcançar uma prática renovada desta actividade pastoral.

Em síntese: estas orientações para a catequese actual têm em vista aplicar ao nosso contexto cultural e à nossa situação eclesial as novas perspectivas do Directório Geral de Catequese que, por sua vez, se orientou “*por duas exigências principais:*

- *por um lado, a contextualização da catequese na evangelização, requerida pelas Exortações Evangelii Nuntiandi e Catechesi Tradendae;*
- *por outro lado, o assumir dos conteúdos da fé propostos pelo Catecismo da Igreja Católica*”⁵.

2. CATEQUESE E TRANSMISSÃO DA FÉ

“*Ide por todo o mundo pregai o Evangelho a toda a criatura: Quem acreditar e for baptizado será salvo*” (Mc 16,15–16). A missão da Igreja é anunciar o Evangelho para que os ouvintes acreditem que Jesus Cristo é o Salvador do mundo, o Filho de Deus e, acreditando, tenham a vida em Seu nome (cf. Jo 20,31). A catequese situa-se nesta linha. Tem em vista transmitir a Palavra de Deus que revela o Seu desígnio de salvação realizado em Jesus Cristo de modo a despertar a fé e a conversão ao Senhor e a viver em comunhão com Ele⁶.

Em boa verdade, a fé não se transmite. É dom de Deus àquele que O acolhe. Brota do diálogo misterioso entre Deus que se revela e o acolhimento do homem que procura a luz e a salvação. A iniciativa vem de Deus que espera uma resposta livre e comprometida do homem.

⁵ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 7.

⁶ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, nºs. 5 e 6.

Deste modo, a fé tem uma dimensão transcendente que está para além das nossas possibilidades. Mas a fé não nasce do nada. Ela supõe um anúncio: *“Com efeito, quem invocar o nome do Senhor será salvo. Mas como o invocarão, sem terem acreditado n’Ele? E como acreditarão n’Ele, sem O terem ouvido? E como O ouvirão, se ninguém O proclama? E como proclamá-l’O, sem ser enviado?...Assim a fé vem da pregação e a pregação é o anúncio da Palavra de Cristo”* (Rom 10,13-17). São Paulo afirma ainda que transmite o que ele mesmo recebeu, a saber, o anúncio da morte e ressurreição de Jesus como acontecimento de salvação universal (cf. 1 Cor 15,3-4). O mistério de Cristo e o Seu Evangelho estão no centro do anúncio. Esta Boa Nova não se reduz a palavras, mas é um acontecimento que vem até nós. Para Paulo, na pregação apostólica é o próprio Cristo que fala. A Sua Palavra viva vem a nós numa relação e numa escuta que incarna nas nossas vidas.

O veículo habitual de que o Senhor se serve para chamar alguém à fé é, portanto, a transmissão da revelação, sobretudo o anúncio e o testemunho vivo, entusiasmante do Evangelho. Por isso, comunicar a revelação de modo a despertar e solidificar a fé é a tarefa fundamental das comunidades cristãs. Dentro desta tarefa tem um lugar relevante a catequese. Utilizamos, portanto, a expressão “transmissão da fé” com o sentido de comunicação da revelação de Deus, alicerçada no testemunho vivo dos crentes e conjugada com a adesão à fé por parte dos destinatários.

a) Novo contexto sócio-cultural e religioso

Durante séculos, num contexto de cristandade, a comunicação da fé passava quase espontaneamente de pais para filhos. O cristianismo fazia parte do património moral e cultural que se recebia da família e do ambiente. Hoje, porém, a transmissão da fé encontra dificuldades e levanta questões. Parece verificar-se menos abertura à fé tanto da parte das crianças e adolescentes como dos jovens e adultos. De facto, das crianças e adolescentes que frequentam a catequese muitos não adquirem o sentido da presença e da amizade de Deus e de Jesus Cristo. Por isso, não assimilam nem o hábito nem o gosto pela oração ou pela Eucaristia. Falta-lhes em geral uma relação vivida com Deus e uma leitura da vida humana à luz desta relação. Também entre os adultos, afastados ou descrentes, parece mais difícil a transmissão da fé.

As dificuldades crescentes na adesão ao Evangelho estão certamente relacionadas com as profundas transformações sócio-culturais que caracterizam um mundo novo. O modelo tradicional da comunicação da fé foi posto em causa no seio de uma sociedade pluralista, pluricultural, plurireligiosa e secularizada. Também o racionalismo, a mentalidade científica e tecnológica produzem uma erosão do facto religioso. Estamos diante de uma mudança profunda, em alguns aspectos inédita em relação ao passado, que exige ser reconhecida e interpretada com urgência e lucidez.

Do ponto de vista cultural, a sociedade tornou-se numa espécie de supermercado em que é oferecida uma pluralidade de estilos de vida e de modelos de valores que os incarnam, tantos deles estranhos ou opostos ao Evangelho. Do ponto de vista religioso, o cristianismo corre o risco de aparecer como uma voz entre tantas outras.

Quebrou-se o pacto de comunicação entre as gerações que vivem em universos culturais diferentes mesmo dentro da própria família e que se repercute ao nível da fé. Assiste-se à perda da memória cristã e ao alastrar do analfabetismo religioso.

As crianças e os jovens estão submetidos a uma abundância de solicitações em que é difícil ver claro. Fruem de uma superinformação que se torna fonte de questões, para as quais nem sempre encontram respostas. A sua paisagem interior é influenciada pela cultura mediática, pela imagem e pela música. Através destes canais, que deveriam ser fonte de enriquecimento cultural, recebem por vezes uma imagem distorcida da fé cristã como algo ultrapassado, anti-moderno, como uma prisão que impede a liberdade e o ser feliz. Na própria escola e em certos ambientes confrontam-se com uma hostilidade à educação religiosa.

Assim ficou debilitada a transmissão da fé que tinha os canais próprios na família e nos diversos lugares onde se manifestava a tradição cristã. O ambiente social e cultural já não serve de suporte à fé. Esta é cada vez mais fruto de uma escolha pessoal.

b) Aberturas à fé

No entanto, o homem tem sede de Deus, pois foi criado por Deus e para Deus. Procura a verdade, a beleza e o amor que só em Deus se

encontram em plenitude. As gerações actuais continuam a mostrar abertura à transcendência e ao mistério: no desejo de autenticidade, proximidade, encontro e solidariedade, na abertura aos que sofrem, numa renovada busca de sentido do que vivem, sofrem e fazem.

O homem actual é, portanto, capaz de um acto de fé. Pode ser que esta apetência de Deus esteja obnubilada pelo ambiente cultural. Por isso, a proposta da fé deve ter em conta os preconceitos e desfazê-los através de um esclarecimento oportuno (uma *sã* apologética). Perante a nova paisagem cultural requerem-se novos modos de comunicar a fé, novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes.

Para propor a fé às pessoas do nosso tempo, precisamos de a apresentar incarnada numa cultura, concretizada em exemplos vivos e sinais visíveis, testemunhada numa comunidade cristã. A fé não é apenas uma doutrina, ou um sentimento vago e abstracto. É um modo de viver que tem dado forma à vida admirável de muita gente e originado muitas manifestações culturais (arte sacra, costumes sociais, valores morais das civilizações cristãs, etc.).

O despertar da fé necessita de novas condições favoráveis, de um terreno em que a Boa Nova possa produzir fruto. É aí que as comunidades e as famílias são chamadas a desempenhar a sua missão. O despertar para a vida e para a fé, num mesmo movimento, começa desde a infância. Os pais são chamados a comunicar o seu gosto de viver, a sua maravilha perante a vida e a transmitir uma arte de viver em referência ao Evangelho. O seu contributo é insubstituível, porque a fé é uma vida que se comunica, uma osmose que se realiza e não uma doutrina a inculcar. À medida que o filho cresce, o testemunho dos adultos ajuda-o a construir-se. A família precisa de reconhecer-se como o primeiro lugar social das crianças, dos adolescentes e dos jovens com uma influência decisiva na educação da fé.

Mas a transmissão da fé deve estar associada, sobretudo, ao testemunho vivo de uma comunidade cristã. É na comunidade que a fé se manifesta em sinais de vida cristã, se concretiza em testemunhos vividos. É na comunidade que a Palavra de Deus se realiza globalmente como palavra proclamada, celebrada e vivida. Nesse sentido, também a celebração da fé e os gestos de caridade se tornam formas de transmissão da fé. Na verdade, a liturgia é uma fonte de evangelização, enquanto diz (narra) o essencial da fé ao longo do ano litúrgico e

introduz no mistério celebrado. Do mesmo modo, as manifestações da piedade popular, que exprimem a vida cristã em gestos, imagens e lugares concretos, relacionados com a vida real e com o afecto das pessoas, devem considerar-se uma via de acesso à fé. O estilo de vida dos fiéis, quando caracterizado pela caridade e ajuda fraterna, pelo serviço gratuito ao próximo, pela defesa da justiça e da dignidade dos mais débeis, constitui igualmente uma proclamação do Evangelho por gestos. O património cultural e artístico, fonte de referências e de valores, memória de exemplos vividos, deve ser considerado um lugar de educação da fé. Os meios de comunicação social, numa cultura mediática, precisam igualmente de ser valorizados numa perspectiva evangelizadora. Porém, nenhuma destas vias dispensa o aprofundamento da fé.

3. EVANGELIZAÇÃO E CATEQUESE

À medida que a Igreja toma consciência da descristianização do ambiente social procura responder a esta situação renovando a sua acção pastoral numa perspectiva de evangelização. Face ao alastrar da indiferença religiosa e à paganização da cultura e da vida, não basta manter as tradições e os hábitos cristãos e responder ao pedido de ritos religiosos. Não podemos à partida pressupor a fé. Torna-se necessário despertá-la no coração das pessoas, converter os baptizados que não conhecem ou não praticam o cristianismo, levar o Evangelho aos afastados. É preciso começar a evangelizar pelo princípio, pôr em prática uma nova evangelização.

Para nos guiar na nova evangelização temos uma bússola segura, afirma o Papa: Os textos conciliares e o Catecismo da Igreja Católica, que pode chamar-se *“O Catecismo do Concílio”*. Baseamo-nos também numa fonte preciosa, a Exortação Apostólica *“Evangelii Nuntiandi”* que nos oferece uma bela e actual reflexão sobre *“o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã, na qual somente ele poderá encontrar a resposta às suas interrogações e a força para a sua aplicação de solidariedade humana”*⁷.

⁷ Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, nº 3.

A catequese é um momento estruturante da evangelização. Precisa, portanto, de ter presentes as características da evangelização no mundo actual e situar-se neste processo com a sua identidade própria e o seu contributo específico. De facto, a evangelização é a missão e a razão de ser da Igreja: ela foi congregada para ser enviada a levar o Evangelho. Não tem razão de ser em si mesma, está ao serviço da evangelização: *“Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na Santa Missa”*⁸.

a) Catequese evangelizadora

Para se tornarem evangelizadoras, as acções da Igreja devem ser realizadas de uma forma renovada, em resposta à situação religiosa da nossa cultura. É necessário encontrar caminhos novos que levem ao encontro das pessoas afastadas, ouvir as suas questões e iluminá-las com o Evangelho. Nesse sentido a catequese, no contexto da nova evangelização, deve revestir algumas características, tais como:

- Adoptar um carácter missionário procurando assegurar a adesão à fé. Para isso precisa de ir ao encontro da vida real dos catequizandos e de ter em conta as suas questões e experiências de modo a responder-lhes.
- Centrar-se no kerigma, ou seja, na pessoa de Jesus Cristo Ressuscitado e no Seu mistério de salvação. Jesus Cristo deve ser apresentado como Boa Nova, fonte de esperança e de sentido para a vida humana e para as questões das pessoas e da sociedade.
- Convidar constantemente a uma atitude de conversão ao Senhor em ordem ao crescimento na santidade pessoal e ao compromisso com o testemunho do Evangelho no mundo.

b) A catequese no processo global de evangelização

Sendo complexa e constando de muitos elementos, a evangelização precisa de ser entendida como um processo que integra vários momentos com uma sequência própria, como etapas de um itinerário

⁸ Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, nº 14.

dinâmico, em que os momentos se completam e implicam mutuamente. A catequese é um momento do processo de evangelização: tem uma etapa anterior que a prepara e precisa de ter continuação. Segundo a *Evangelii Nuntiandi* devemos considerar os seguintes momentos:

1. Presença e acolhimento. Para que os destinatários possam escutar a Boa Nova, precisam de ter o coração bem disposto, atento e acolhedor. Nesse sentido, o primeiro passo e a atitude constante para evangelizar é “captar a benevolência” dos destinatários, tornando-se, no meio deles, uma presença amiga, acolhedora e solidária. À semelhança de Jesus que pela Sua Encarnação se situou no meio de nós para nos anunciar o Evangelho⁹.
2. Primeiro anúncio. Não podemos permanecer na presença solidária e no acolhimento. É indispensável o anúncio explícito de Jesus como Salvador do homem¹⁰, que conduza ao despertar da fé e da conversão. “*Em várias partes da Europa há necessidade do primeiro anúncio do Evangelho aos não batizados*”¹¹. “*Por toda a parte há necessidade de um renovado anúncio, mesmo para quem está batizado... Muitos batizados vivem como se Cristo não existisse... o desafio não consiste tanto em batizar os novos convertidos, mas em levar os batizados a converterem-se a Cristo e ao Seu Evangelho*”¹².
3. Depois do primeiro anúncio é o momento da catequese que solidifica e faz amadurecer o primeiro anúncio. “*O momento da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo, são iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico*”¹³. A catequese é, assim, o momento “fundamental” e “prioritário” de

⁹ Cf. Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n° 21; Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto *Ad gentes*, n° 10.

¹⁰ Cf. Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, n° 22.

¹¹ João Paulo II, Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, n° 46.

¹² João Paulo II, Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, n° 47.

¹³ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n° 63.

evangelização pois lança as bases que podem dar solidez à vida cristã futura¹⁴. A “Catechesi Tradendae” caracteriza-a como: *“iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de si mesmo ao homem, em Jesus Cristo. Esta revelação está conservada na memória profunda da Igreja e das Sagradas Escrituras, e é constantemente comunicada, por uma “traditio” viva e activa, de uma geração a outra”*¹⁵.

4. Comunidade cristã e sacramentos. A catequese conduz à integração e à participação activa na comunidade cristã que celebra a presença e a acção de Deus nos sacramentos, sobretudo na Eucaristia, vértice e fonte de vida cristã¹⁶. Este elemento constitui um indicador fundamental da boa realização da catequese. Na verdade, não há vida cristã sem participação na comunidade. Esta tem a raiz e o centro na celebração da Eucaristia¹⁷, principal escola de vida cristã que, após a catequese sistemática, garante a formação permanente e o crescimento espiritual dos fiéis.

5. Comunidade cristã e testemunho. A vida cristã é como os talentos do Evangelho que são dados a cada um para pôr a render através do testemunho da caridade e do serviço ao Reino de Deus. A vida cristã é como a luz que deve irradiar à sua volta. O testemunho, por sua vez, fortalece e aprofunda a fé dos fiéis. Estes momentos não são compartimentos autónomos e separados. Estão em comunicação uns com os outros. Por isso, a catequese não pode preocupar-se apenas em esclarecer e solidificar a fé mas também em despertá-la e avivá-la continuamente, retomando o primeiro anúncio e orientando na conversão ao Senhor¹⁸. Precisa igualmente de orientar para a celebração e para o testemunho da fé.

Jesus Cristo é o Evangelho, a Boa Nova de Deus. Nesse sentido, a catequese é evangelizadora se levar os catequizandos à descoberta, à amizade e ao seguimento de Jesus.

¹⁴ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nºs 63–64.

¹⁵ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, nº 22.

¹⁶ Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição *Sacrosanctum Concilium*, nº 10.

¹⁷ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, nº 6.

¹⁸ João Paulo II, Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, nº 19.

4. CATEQUESE E INICIAÇÃO CRISTÃ

A catequese é um itinerário que tem em vista a vida cristã adulta cuja expressão mais significativa é a participação na Eucaristia e, como consequência, na missão da comunidade. Ser cristão não acontece de um momento para o outro. Tornamo-nos cristãos de forma gradual e progressiva, convertendo-nos dos ídolos ao Deus vivo e crescendo continuamente na configuração com Jesus Cristo, ou seja, na santidade vivida na caridade.

a) Dinamismo da iniciação cristã

No processo de crescimento na fé há uma fase fundamental em que se lançam os alicerces da vida cristã e que, portanto, condiciona o edifício futuro da fé: é a iniciação cristã. Iniciação consiste na incorporação gradual e progressiva no mistério de Cristo e da Igreja, através dos três sacramentos da iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia – e da aprendizagem e treino nas várias dimensões da fé: conhecimento do essencial do mistério cristão; celebração da fé na Eucaristia e nos sacramentos; união com o Senhor na oração; prática do Evangelho na caridade e no serviço.

Na iniciação cristã conjugam-se, deste modo, vários intervenientes (forças): a iniciativa de Deus que nos comunica os Seus dons nos sacramentos; a correspondência pessoal do candidato que se esforça por converter-se e crescer nas várias dimensões da fé; e o papel da comunidade cristã que testemunha a fé, acolhe e apoia o candidato.

A catequese está ao serviço da iniciação cristã e, por isso, deve organizar-se como um itinerário que introduz nas referidas componentes da vida cristã: *“As tarefas da catequese correspondem à educação nas diversas dimensões da fé, uma vez que a catequese é uma formação cristã integral, aberta a todas as componentes da vida cristã. Em virtude da sua própria dinâmica interna, a fé implica ser conhecida, celebrada, vivida e feita oração. A catequese deve cultivar cada uma destas dimensões. Mas a fé vive-se em comunidade cristã e anuncia-se na missão: é uma fé partilhada e anunciada. A catequese deve promover também estas dimensões”*¹⁹.

¹⁹ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 84.

A iniciação cristã conheceu um grande desenvolvimento nos primeiros séculos do cristianismo, quando era necessário formar cristãos para viver a fé em ambiente pagão, adverso à fé cristã. Criou então uma pedagogia adequada, o catecumenado, que se apresentava com um caminho progressivo e exigente de conversão, atento não só ao conhecimento da mensagem cristã mas igualmente à introdução na comunicação com Deus na oração e na celebração dos mistérios da fé bem como na prática do Evangelho e na vida da comunidade. Deste modo se formaram comunidades cristãs que testemunhavam a fé na fraternidade admirável dos seus membros e no empenho de irradiar o Evangelho à sua volta.

Nos tempos em que a sociedade era considerada cristã no seu conjunto, o catecumenado entrou em desuso. Hoje com a descristianização progressiva, o Magistério da Igreja recomenda-o de novo como pedagogia mais adequada para fazer cristãos²⁰. Deste modo, devemos oferecer a todos um itinerário de iniciação para o Baptismo ou para a Confirmação ou para retomar a vida cristã.

b) Implicações práticas para a catequese

A iniciação cristã convida-nos a rever a nossa forma de fazer catequese e propõe-nos algumas implicações práticas, como²¹:

- Uma formação orgânica e sistemática na fé, que proporcione uma aprendizagem a toda a vida cristã sem se reduzir ao ocasional ou ao ensino: *“Trata-se de educar no conhecimento e na vida de fé”*²². Não basta transmitir conteúdos, explicar a fé e falar de Cristo. É indispensável que a catequese faça *“ver Jesus”*²³, actualizando o convite do Evangelho: *“Vinde e vede”* (Jo 1,39).
- Um itinerário de conversão de si mesmo ao Deus vivo. A catequese tem como finalidade promover a comunhão com Jesus Cristo²⁴. Deve, por isso, mostrar claramente a identidade cristã em confronto

²⁰ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto *Ad gentes*, n.ºs 13 e 14; *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos*; *Código de Direito Canónico*, can. 788 e 851; Catecismo da Igreja Católica, n.ºs. 1229-1231.

²¹ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n.º 67 e 68.

²² Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n.º 67.

²³ João Paulo II, Carta Encíclica *Novo Millennio Ineunte*, n.º 16.

²⁴ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n.º 30.

com a cultura actual, consciencializando das fragilidades e falhas pessoais e sociais, caracterizando o perfil do discípulo de Cristo que segue um projecto diferente do mundo e se torna, pela sua edificante forma de viver, alma da sociedade.

- Um itinerário com fases que correspondam a níveis de crescimento, celebradas com ritos próprios. É necessário que a passagem das fases corresponda à aquisição de capacidades e competências, à aprendizagem de gestos e à assimilação de conhecimentos.
- Uma relação mais forte da catequese com a liturgia. De facto, a liturgia é a fonte e o cume de toda a vida cristã²⁵, onde os catequizandos experimentam o que ouvem na catequese e descobrem os sinais visíveis da presença e acção de Deus; por isso, a catequese deve iniciar aos espaços, gestos, comportamentos, símbolos, ritos celebrativos. E, sobretudo, levar a viver na celebração litúrgica e na oração o que aprendem sobre a vida cristã.
- Uma ligação mais forte da catequese à comunidade cristã, sua origem, ambiente e meta. A comunidade cristã é chamada a acolher e a acompanhar o itinerário de crescimento na fé.
- Uma catequese que não fique no conhecimento da fé e na celebração da liturgia mas eduque no amor a Deus e aos outros e conduza ao compromisso de ser fermento do Reino de Deus no mundo.

5. A COMUNIDADE CRISTÃ AMBIENTE VITAL DA CATEQUESE

A comunidade cristã é o sujeito, o ambiente e a meta da catequese. Na verdade, a vida cristã é um facto comunitário, recebe-se, aprende-se e vive-se na Igreja, mistério de comunhão. Na vida das comunidades, a fé cristã torna-se um acontecimento vivido e actual, incarnado em pessoas, testemunhado em gestos e formas de viver. Nas actividades eclesiais da comunidade que realizam a missão pastoral global, a Palavra de Deus alcança a sua plena realização como Palavra proclamada no anúncio do Evangelho, celebrada na liturgia e praticada no serviço fraterno da caridade. A comunidade cristã apresenta, deste modo, um testemunho vivido da fé no qual a catequese encontra a sua base de apoio.

²⁵ Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, nº 11.

a) Comunidade cristã, sinal e instrumento de salvação

Enquanto presença da Igreja no meio da vida das pessoas, a comunidade cristã constitui um sinal e um instrumento de salvação. Torna, portanto, visível e operante na vida das pessoas o amor do Pai, a graça redentora de Cristo e a força do Espírito Santo. Oferece, deste modo, sinais e referências concretas do mistério da fé proclamado na catequese. Numa cultura marcada pelo visual e sensível às experiências vividas, a vida da comunidade cristã é um apoio indispensável na educação da fé.

Por isso, as comunidades cristãs precisam de assumir a transmissão da fé como responsabilidade de todos e não apenas de algumas pessoas de boa vontade que se especializaram para esta actividade. Como referiu a mensagem ao povo de Deus do Sínodo de 1977: *“A comunidade cristã constitui o lugar ou o quadro habitual da catequese. A catequese não é uma função meramente individual, mas deve realizar-se sempre na dimensão da comunidade cristã”*²⁶.

Com o coração se crê (cf. Rom 10,9–10). A adesão a Jesus Cristo passa pelo afecto, é incentivada pela relação fraterna e pelo acompanhamento interessado da comunidade cristã: *“A catequese é, portanto, uma acção educativa realizada a partir da responsabilidade própria de cada membro da comunidade, num contexto ou clima comunitário rico de relações, a fim de que os catecúmenos e os catequizandos se insiram activamente na vida da comunidade”*²⁷. Esta educa na fé quando acolhe, quando ensina e testemunha a vida cristã por gestos e sinais da liturgia e da caridade, quando vive o Evangelho como proposta de vida diferente do mundo.

b) Responsabilidades dos vários ministérios

Dentro da responsabilidade comum de todos os fiéis, destacam-se tarefas diferentes. Antes de mais a dos pastores que orientam a comunidade. São eles que podem *“suscitar e alimentar uma verdadeira paixão pela catequese, que se concretize numa organização adaptada e eficaz”*²⁸. Compete aos pastores procurar que a catequese seja,

²⁶ Sínodo dos Bispos sobre a Catequese, *Mensagem ao Povo de Deus*, nº 13.

²⁷ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 220.

²⁸ João Paulo II, Exortação Apostólica *Chatechesi Tradendae*, nº 63.

efectivamente, uma actividade prioritária na missão pastoral dedicando-lhe “os melhores recursos de pessoal e de energias, escolhendo e formando pessoas qualificadas”²⁹. Pertence também aos pastores suscitar a corresponsabilidade da comunidade pela catequese e integrar a acção catequética na pastoral global, “*cuidando especialmente da ligação entre catequese, sacramentos e liturgia*”³⁰. Esta responsabilidade implica que a formação permanente do clero se estenda também à área catequética.

A família exerce uma influência decisiva na educação humana e cristã dos filhos³¹. A comunidade de amor familiar, envolvida pelo ambiente de ternura, de afecto e de respeito, contribui de forma marcante para o despertar da fé pois esta é uma relação de amizade, respeito e confiança em Deus nosso Pai. “*Este despertar religioso infantil no ambiente familiar tem um carácter insubstituível*”³². Ao longo de séculos têm sido sobretudo as famílias a assegurar a transmissão da fé aos filhos, bem como a sua integração social e a educação para os valores. Actualmente, torna-se necessário sensibilizar e formar os pais para que retomem a sua responsabilidade de primeiros e principais educadores. De facto, algumas décadas atrás, muitos pais deixaram-se cair no descuido ou nalguma confusão quanto ao seu papel de educadores. Ora a família que dá origem à vida tem também a responsabilidade de dar sentido e contribuir para o pleno desenvolvimento dessa existência, enriquecendo-a com o património moral e espiritual que vem do cristianismo.

Sendo assim, a comunidade cristã não pode substituir os pais mas deve colaborar com eles na educação dos filhos. Como frequentemente não estão esclarecidos nem preparados para esta missão, é hoje urgente e indispensável que as comunidades, seus pastores e responsáveis definam um projecto de sensibilização e de formação de pais que integre um conjunto de propostas adequadas às suas situações e possibilidades, como: reuniões periódicas bem preparadas, formação cristã orgânica de pais aproveitando até os tempos dos encontros de catequese dos filhos para uma catequese paralela com os pais.

²⁹ João Paulo II, Exortação Apostólica *Chatechesi Tradendae*, nº 15.

³⁰ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 225.

³¹ João Paulo II, Exortação Apostólica *Chatechesi Tradendae*, nº 68.

³² Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 226.

Na transmissão da fé ocupam um lugar especial os catequistas que em nome da comunidade orientam os vários grupos da catequese não só da infância e adolescência mas também de jovens e adultos. São eles o rosto e porta-voz da fé da Igreja e testemunhas da experiência de fé das comunidades. Não apenas transmitem conhecimentos religiosos mas iniciam nas várias dimensões da fé: na oração, na celebração da liturgia e no comportamento cristão, a partir da sua experiência pessoal de vida cristã. Não se devem considerar como professores que ensinam a doutrina cristã mas, sobretudo, como discípulos de Jesus Cristo que guiam no caminho que eles próprios se esforçam por seguir. Enquanto educadores da fé são o coração das nossas comunidades que vivem da Palavra do Senhor e do pão da vida.

Assim, a escolha criteriosa e a formação sólida destes obreiros do Evangelho deve tornar-se uma das principais preocupações dos pastores que reconhecem a prioridade da catequese.

A dimensão comunitária da catequese implica a renovação da Igreja na perspectiva de comunhão e de participação. Num ambiente marcado pelo individualismo e tentado pelo egoísmo, a vida fraterna dos discípulos de Jesus e a sua disponibilidade para o serviço gratuito é o testemunho indispensável para apoiar a evangelização: *“Fazer da Igreja a casa e a escola de comunhão eis o grande desafio que nos espera no milénio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo”*³³.

6. PERCURSOS DIFERENCIADOS DE CATEQUESE

Durante muito tempo consideraram-se as crianças como os destinatários privilegiados de catequese. Hoje, esta actividade pastoral deve dirigir-se a todas as idades, pois todas as idades precisam de ser evangelizadas³⁴. Na verdade, em todas as fases etárias encontramos muitas pessoas que necessitam de uma catequese de iniciação que proporcione uma formação cristã de base e garanta uma aprendizagem de toda a vida cristã centrada na conversão e no

³³ João Paulo II, Carta Encíclica *Novo Millennio Ineunte*, n.º 43.

³⁴ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, n.º 33.

seguimento de Jesus Cristo³⁵. Como referem vários documentos do Magistério, muitos nascidos em países cristãos e batizados na infância, encontram-se na situação de quase catecúmenos³⁶.

a) Catequese adaptada às várias situações

Por outro lado, a situação cultural e religiosa da Europa exige a passagem de uma fé apoiada na tradição social a uma fé mais pessoal e adulta, esclarecida e convicta. Só assim os fiéis poderão confrontar-se, criticamente, com a cultura actual e influir, eficazmente, nos vários sectores da vida social: cultura, economia, política, etc.³⁷. *“Para alcançar uma fé mais madura e pessoal, é preciso que as comunidades cristãs procurem propor uma catequese adaptada aos diferentes itinerários espirituais dos fiéis, segundo as respectivas idades e estados de vida (...). Uma catequese orgânica e sistemática constitui, sem sombra de dúvida, um instrumento essencial e primário de formação dos cristãos para uma fé adulta”*³⁸.

A catequese de iniciação, orgânica e sistemática, é uma etapa do crescimento que lança os fundamentos da vida cristã³⁹. Aqueles que já a alcançaram necessitam da educação permanente da fé que acompanhe o crescimento na santidade e integre plenamente na vida e missão da Igreja. Esta educação permanente da fé pode revestir muitas formas, como: estudo da Sagrada Escritura, privilegiando a pedagogia da “lectio divina”; leitura cristã dos acontecimentos; catequese litúrgica; preparação dos sacramentos; formação cristã de pais⁴⁰.

Assim, a catequese, como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano, auscultando *“as suas experiências mais profundas”*⁴¹; deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta *“por uma diligente adaptação”*⁴² e, num esforço

³⁵ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 67.

³⁶ Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica *Chatechesi Tradendae*, nº 44; Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, nºs 46–47.

³⁷ Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, nº 50.

³⁸ João Paulo II, Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, nº 51.

³⁹ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nºs 63–68.

⁴⁰ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 69–71.

⁴¹ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 78.

⁴² Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 112.

constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho “acontecimento verdadeiramente significativo para a pessoa humana”⁴³.

b) A catequese dos adultos como referência

A catequese dos adultos é verdadeiramente a referência para toda a catequese, é como um eixo ou princípio organizador, em volta da qual se estrutura a catequese das diferentes idades⁴⁴. De facto, são eles que formam a base das comunidades cristãs e orientam a vida social, cultural e familiar. Têm, deste modo, mais responsabilidades, questões e dificuldades mais complexas e necessitam, portanto, de maior formação. Por outro lado, têm capacidade de aprofundamento da fé em relação com a cultura e com as responsabilidades sociais, familiares e eclesiais.

Esta orientação do Magistério, que tem sido uma insistência desde o Concílio Vaticano II, começa a dar frutos na prática. Tem aumentado, ultimamente, o número de candidatos jovens e adultos que procuram o Baptismo, ou a Primeira Eucaristia ou o Crisma, ou simplesmente desejam recomeçar ou aprofundar a vida cristã, e se dispõem, para tanto, a fazer um itinerário de catequese. As comunidades cristãs são chamadas a responder a esta situação com catequistas e propostas de formação correspondentes ao nível deles.

c) Propostas diferenciadas

Deste modo, na actual situação pede-se às comunidades cristãs e aos seus pastores e responsáveis que proponham percursos de catequese ou de formação adequados para diversas situações e idades:

- Experiências de primeiro anúncio em ordem ao despertar da fé e da conversão.
- Catequese de iniciação ou catecumenado para adultos em ordem a preparar o Baptismo, ou outro dos sacramentos da iniciação cristã, ou a reiniciar o caminho da fé, que lhes permita uma formação orgânica e sistemática.

⁴³ Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 97.

⁴⁴ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 171 e 275.

- Catequese de iniciação da infância e adolescência. Na infância com dois pólos: Primeira Comunhão e Profissão de Fé. Na adolescência com dois pólos também: o sentido da vida e o compromisso cristão. Este itinerário poderá culminar na celebração do Crisma.
- Itinerários de preparação para os sacramentos que tenha presente a pedagogia catecumenal.
- Algumas formas de educação permanente da fé, como: formação litúrgica; cursos bíblicos em ordem à prática da “lectio divina”; formação cristã de pais.
- Alguns destes percursos necessitam de instrumentos catequéticos adequados que à frente referiremos.

A formação cristã dos adultos e dos jovens mereceram já da Conferência Episcopal Portuguesa duas Instruções Pastorais, respectivamente: “Formação cristã de base dos adultos” (1994) e “Bases para a pastoral juvenil” (2002). Para elas remetemos em ordem a um aprofundamento dos percursos próprios destas idades.

7. CATEQUESE E CATECISMOS

Os catecismos são instrumentos para fazer catequese. Desempenham uma função importante mas não são suficientes. Na verdade, a transmissão da fé assenta em vários outros elementos como o testemunho da Igreja, o exemplo de vida cristã da família e da comunidade local, o percurso pessoal de fé, a comunicação entre o catequista e catequizando, etc. Os catecismos são textos escritos de apoio que precisam de vida. É a comunidade cristã e o catequista quem dá vida ao catecismo.

Os catecismos surgiram na época da reforma e da contra-reforma com uma configuração própria para a situação dessa época: como resumos da doutrina e da prática do cristianismo, apresentados de forma metódica, com uma formulação adequada à memorização. Tinham em vista conduzir ao conhecimento de Deus e do Seu enviado Jesus Cristo e, através deste conhecimento alcançar a vida eterna, segundo ensina São João (1 Jo 17,3). Nessa época, para vencer a ignorância e enfrentar as heresias, a Igreja procurou comunicar aos fiéis o conhecimento da doutrina cristã, resumida em quatro grandes colunas que correspondem às várias dimensões da vida cristã: o que

o cristão deve crer (Símbolo); o que deve esperar (Pai Nosso); o que deve praticar (Decálogo); a graça que precisa de receber (Sacramentos). O catecismo tornou-se uma instituição de primeira importância na transmissão da fé.

A partir de meados do século XX, a situação social e religiosa, bem como o desenvolvimento da psicologia e da pedagogia, levaram a prestar atenção a outros aspectos catequéticos que passaram também a integrar os catecismos: a relação da fé com a vida real, a iluminação das experiências humanas e a educação das atitudes de fé. Tornou-se necessário procurar o equilíbrio entre a exposição do conteúdo doutrinal e a dimensão antropológica e pedagógica.

a) Estrutura fundamental do catecismo

A publicação do catecismo da Igreja Católica traz-nos luz sobre o conteúdo do catecismo para o nosso tempo. Um catecismo deve apresentar, com fidelidade e de modo orgânico, o ensino da Sagrada Escritura, da Tradição viva da Igreja e do Magistério autêntico, bem como a herança espiritual dos Padres, dos santos e santas da Igreja, para permitir conhecer melhor o mistério cristão e reavivar a fé do povo de Deus. Deve ter em conta as explicitações da doutrina que, no decurso dos tempos, o Espírito Santo sugeriu à Igreja. É também necessário que ajude a iluminar, com a luz da fé, as novas situações e os problemas que no passado ainda não tinham surgido.

O catecismo incluirá, portanto, coisas novas e velhas (cf. Mt 13,52), porque a fé é sempre a mesma e, simultaneamente, é fonte de luzes sempre novas⁴⁵.

Este texto de referência para os catecismos locais retoma a “antiga ordem” tradicional, já seguida pelo catecismo de São Pio V, articulando o conteúdo em quatro partes: o Credo; a sagrada liturgia; o agir cristão, a partir dos mandamentos; e, por fim, a oração cristã⁴⁶. A articulação em quatro partes permite desenvolver os aspectos essenciais da fé e orientar na educação cristã integral: Crer em Deus Pai Criador, em Jesus Cristo, no Espírito Santo e na Igreja que realiza o seu desígnio salvífico; alcançar a santificação através dos sacramentos; amá-l’O

⁴⁵ João Paulo II, Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, nº 3.

⁴⁶ Cf. João Paulo II, Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, nº 3.

de todo o coração e ao próximo como a nós mesmos pela prática dos mandamentos; elevar-se à Sua presença e dialogar com Ele pela oração⁴⁷.

As quatro partes estão ligadas entre si e realçam a profunda unidade da vida cristã, explicitando a relação entre *lex orandi*, *lex credendi* e *lex vivendi*⁴⁸. Não pretendendo impor aos catecismos locais esta configuração, o Catecismo da Igreja Católica apresenta-se como uma referência para a transmissão da fé. Na verdade, os catecismos, no seu conteúdo, devem ter presentes as quatro tarefas fundamentais da catequese: favorecer o conhecimento da fé; proporcionar educação litúrgica; orientar na formação moral; ensinar a rezar.

b) Critérios de elaboração dos catecismos

O Catecismo da Igreja Católica não elimina, portanto, a necessidade de catecismos locais, antes os encoraja e ajuda na redacção. Estes continuam a ser instrumentos necessários para orientar o acto catequético e acompanhar os percursos de educação da fé⁴⁹. Entre nós, aliás, têm um estatuto reconhecido que está de acordo com as orientações do Magistério: *“São três os principais traços que devem caracterizar todo e qualquer catecismo assumido como seu por uma Igreja local: o seu carácter oficial, a síntese básica e orgânica da fé que apresenta e o facto de que seja oferecido, juntamente com a Sagrada Escritura, como ponto de referência para a catequese”*⁵⁰.

Nesse sentido, os catecismos, mantendo a estrutura da história da salvação, procuram apresentar uma visão de conjunto da fé atenta à nossa cultura humana e cristã. Ao mesmo tempo têm a intenção de iluminar, com a luz do Evangelho, as experiências humanas dos catequizandos a que se dirigem criando critérios cristãos e educando nas atitudes evangélicas. O relevo da apresentação orgânica da fé ou da iluminação das realidades da vida humana dependerá das características próprias de cada idade. Nesta síntese da fé, e tendo

⁴⁷ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 122.

⁴⁸ Cf. João Paulo II, Constituição Apostólica *Fidei Depositum*, nº 3; Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 122.

⁴⁹ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 131 e 132.

⁵⁰ Cf. Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 132.

em conta as referidas tarefas da catequese, os catecismos seguem os seguintes critérios:

- Têm como referência o Catecismo da Igreja Católica e como fonte a Palavra de Deus contida na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja.
- Por isso, devem ser uma autêntica introdução à “lectio divina”, isto é, à leitura da Sagrada Escritura feita “segundo o Espírito” que habita na Igreja⁵¹. As passagens bíblicas deverão, por isso, ser contextualizadas com uma breve introdução que as situe e uma breve conclusão que destaque a mensagem principal.
- Os catecismos procuram apresentar e interpretar os sinais e testemunhos visíveis de vida cristã, como: vidas de santos; símbolos litúrgicos; património religioso; manifestações culturais da fé cristã; expressões da piedade e da religiosidade popular.
- As catequese serão relacionadas com a celebração da liturgia e com os tempos litúrgicos fortes de modo a levar a viver na celebração o que se aprende na catequese. A liturgia deve ocupar um lugar de relevo no catecismo.
- A oração deve também fazer parte de cada acto catequético e ser proposta, nesse sentido, pelos catecismos.
- Cada encontro integra uma breve síntese doutrinal que permita o acesso à memória da Igreja, colhida do Catecismo da Igreja Católica ou do Magistério.
- Cada acto catequético deverá conduzir ao encontro com Cristo e ao compromisso de aplicação na vida quotidiana. Nesse sentido, deverá ser continuado por actividades concretas.
- Na catequese de infância e adolescência, os catecismos deverão fazer algumas propostas para chamar a família a colaborar na transmissão da fé.
- A linguagem deve ser viva, narrativa, fiel à linguagem da Igreja e ligada à cultura actual, com um fio condutor linear e acessível.
- O catecismo para a infância e adolescência, dentro da nossa tradição catequética, integra o guia do catequista e o manual do catequizando e distribui ao longo de dez volumes, um para cada ano de catequese, o conteúdo global da revelação em correspondência com as características próprias de cada idade.

⁵¹ Sínodo dos Bispos sobre a Catequese, *Mensagem ao Povo de Deus*, nº 9; Congregação para o Clero, *Directório Geral da Catequese*, nº 127.

Deste modo, o catecismo precisa de ser entendido como um elemento integrado num conjunto mais amplo, como tem sido referido. É na comunidade cristã que o catecismo encontra o seu meio vital em que pode ser, devidamente, enquadrado e completado. A função do catecismo é servir de apoio a uma experiência de fé que nasce e cresce, proporcionando-lhe desenvolvimento e expressão. Não substitui uma experiência de iniciação. Deve, antes, apoiá-la enquanto ela exige inteligência e conteúdo. Por isso, deve ser de estilo “mistagógico”, no sentido de conduzir ao encontro vivo com Cristo. De contrário, corre o risco de se tornar mais um livro, entre outros, como os livros escolares.

Enquanto instrumentos ao serviço da educação da fé, devemos cuidar da boa qualidade dos catecismos, tanto no conteúdo como na apresentação. O elevado nível de qualidade é um estímulo para o bom exercício da missão do catequista e para uma utilização interessada dos catequizandos.

Dedicamos estas orientações sobretudo aos nossos catequistas como manifestação do apoio pela nobre e bela missão da educação da fé que lhes foi confiada. Conhecemos as muitas e grandes dificuldades que hoje enfrentam e também a fortaleza e o zelo de que dão provas no desempenho da sua missão. Desejamos que a revisão da catequese e dos catecismos seja, para todos os catequistas, um estímulo a renovarem o seu entusiasmo e dedicação ao serviço da nova evange-lização e a cuidarem cada vez mais da sua formação pedagógica, doutrinal e espiritual. Neste ano da Eucaristia somos convidados a fortalecer a nossa confiança na promessa do Senhor de permanecer sempre connosco (cf. Mt 28,20). É a certeza na Sua presença e na Sua graça que nos anima a lançar com alegria e com esperança a semente do evangelho no coração dos ouvintes. Na Eucaristia está a fonte e o ápice da vida cristã e da nossa missão de catequistas.

Fátima, 23 de Junho de 2005

Comentários

Oportunidade e necessidade deste documento

D. TOMAZ SILVA NUNES (*)

“Para que acreditem e tenham a vida” é um documento da Conferência Episcopal Portuguesa, datado de 23 de Junho de 2005, que contém linhas gerais de orientação para a catequese actual. Apresenta uma visão global sobre a catequese, situada no ambiente de transformação cultural que caracteriza a actualidade, transmite referências fundamentais sobre a doutrina do magistério da Igreja sobre a catequese, desenvolve o sentido da relação intrínseca entre a catequese e a comunidade cristã e sistematiza os principais critérios orientadores para a revisão dos actuais catecismos.

A catequese é uma actividade evangelizadora complexa e vasta, pelos elementos que integra e pela diversidade de formas que assume, porque acompanha todas as fases da vida do cristão. O referido documento não tem a pretensão de esgotar a matéria. É, simplesmente, um referencial, um instrumento de trabalho e um ponto de partida para reflexões posteriores, que hão-de conduzir à formulação de propostas e à criação de novos subsídios para uma catequese adequada às idades e às caminhadas dos destinatários.

O presente número da Revista “Pastoral Catequética” centra-se sobre esse documento e apresenta um conjunto de reflexões, em jeito de comentário, sobre os principais aspectos nele contidos, alguns deles apenas enumerados, realizadas por uma série de especialistas, bispos, sacerdotes, religiosos e leigos, com formação especializada e longa experiência de trabalho neste sector crucial da vida da Igreja que é a catequese. Além de contribuírem para a formação de quantos se dedicam à catequese da infância, da adolescência, da juventude e

* Bispo Auxiliar de Lisboa; Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

Oportunidade e necessidade deste documento

dos adultos, sejam eles pais, catequistas, párocos ou responsáveis diocesanos, as reflexões apresentadas abrem perspectivas que muito ajudarão na elaboração de novos documentos sobre temáticas mais particulares na vasta área da catequese.

Catequese, entre a crise e a renovação

RUI ALBERTO ALMEIDA (*)

Este ansiado documento dos nossos bispos sobre a catequese pode ser lido de muitas formas. Já não á mau que seja lido! E meditado. E, já agora, que seja posto em prática.

Uma das possibilidades é lê-lo a partir das categorias de “crise” e de “renovação”.

Não é um documento que proponha doutrina imutável e definitiva. Os bispos, conscientes das profundas mutações que atravessam a sociedade e a Igreja, apontam alguns rumos para a inevitável e desejada mudança.

A “crise” e os limites da situação presente, constituem a plataforma sobre a qual se constrói a renovação, a melhor alternativa.

Um primeiro dado a reter é o âmbito do documento. Superando uma mentalidade muito difundida que exige e se contenta com a renovação dos catecismos, os bispos fazem sentir a necessidade de uma mudança mais alargada de toda a catequese. Que, por sua vez, mais não é que uma das faces visíveis de uma Igreja em crescimento e renovação. Igreja em renovação como exigência de fidelidade ao chamamento perene do seu Senhor.

A CRISE

O documento assume conscientemente que as profundas mutações sociais e culturais ocorridas em Portugal e no mundo puseram em crise o modelo tradicional de catequese. Porquê? Porque a catequese tradicional é hoje incapaz de atingir os seus objectivos. Certamente ela continua a produzir resultados interessantes (bons níveis de frequência em algumas dioceses, dinamização do sentido comunitário, surgimento de plataformas de encontro com as famílias...) Mas

* Mestrado em Teologia Pastoral (Catequética); Director da Editorial Salesiana.

estrategicamente não está a funcionar. Não está a produzir resultados quanto aos objectivos de longo prazo. Esta leitura tão lúcida vai encontrar resistências. Amplos sectores da Igreja sentem-se de facto contentes com a catequese que tem sido feita. Pelos resultados, como já vimos, mas também pela inércia, pelo desejo de continuar a fazer bem (supostamente) o que sempre se fez. Os bispos colocam-se noutra plano.

Os bispos indicam alguns fenómenos que são simultaneamente causa e consequência dessa incapacidade:

- As mudanças na família;
- A diminuição da prática religiosa;
- A dificuldade de enquadrar na catequese tradicional as situações “atípicas” (mas que se vão tornando cada vez mais frequentes);
- A indiferença religiosa;
- O laicismo militante;
- A ignorância religiosa.

A RENOVAÇÃO

Observando lucidamente este cenário, os bispos convidam a Igreja em Portugal a encontrar um caminho sério de renovação da catequese, do seu entendimento e das suas práticas. Não gastam energias a lamuriar-se dos tempos que correm. Nem acreditam que seja possível fazer alterações pontuais para melhorar o actual estado de coisas. Isso seria um convite àquelas alterações essencialmente cosméticas que parecendo mudar tudo... deixam tudo substancialmente na mesma.

a) Que catequese?

Os bispos propõem uma catequese que integra o melhor da nossa tradição na categoria de “iniciação”.

A catequese deve servir para a iniciação cristã. Deve ajudar a criança, o jovem ou o adulto a tornar-se cristão, discípulo de Jesus.

Supera-se uma visão da catequese como mera agência de socialização religiosa ou como instrumento de informação religiosa.

Esta iniciação é multi-dimensional. Quer ajudar a pessoa toda (não deixando nenhuma das suas dimensões de fora) a acolher a totalidade da experiência de fé cristã.

É uma catequese que inicia ao conhecimento da fé, à intimidade com o mistério de Deus, à oração, à celebração, ao estilo de vida dos seguidores do Nazareno, que integra na missão da Igreja. Uma iniciação que acontece dentro da comunidade.

b) Que meta?

Claramente, deseja-se um cristão adulto. Catequese é um processo em que os recursos teológicos e educativos se dão as mãos para ajudar o não-crente a tornar-se um cristão adulto. Uma pessoa que, nas suas atitudes, nas suas convicções e nas suas práticas, se sente filho ou filha de Deus.

Fica superada a visão da catequese que tinha nas crianças o público-alvo preferencial. Continua a ter todo o sentido fazer catequese com crianças, para as amparar na caminhada até ao “adulto”, até à maturidade, humana e cristã, a que Deus as convida.

Esta opção vai permitir superar (esperamos!) muitas das questões que ainda aparecem defendendo uma catequese reduzida no tempo ao mínimo dos mínimos. Com este documento, as ideias ficam mais claras: catequese, quanto baste. Tudo depende da capacidade de chegar ao cristão adulto, o tal objectivo estratégico. Permite também superar a postura daqueles que identificam o todo da vida cristã com a catequese. Catequese é um processo, uma fase, até se chegar ao cristão adulto, autónomo; à pessoa que reconhece que a sua identidade mais profunda foi transformada; à pessoa que se define como discípulo de Jesus. O que não significa que o seu empenho de crescimento e de santidade tenha terminado.

Havia, antes deste documento, uma mentalidade difusa, segundo a qual todos são (ou deveriam ser) cristãos. Só que o eram em graus muito diferenciados. Alguns por apostarem toda a sua vida e energias na causa do Reino. Outros por acederem com frequência aos “bens” religiosos (eucaristia e confissão frequentes, oração...). Outros por manterem algum contacto (por valores comuns ou por ritos) com a Igreja. Outros ainda por uma vaga ritualização religiosa (baptismos de crianças sem qualquer continuidade...). Nesta mentalidade, a renovação passaria por melhorar o *marketing* religioso, facilitar o acesso aos bens religiosos (baixando as exigências ou justificando-as melhor...), encontrar as metodologias adequadas para assegurar o *verniz* de instrução religiosa e pertença ritual a que se chamava *catequese*.

Por detrás deste documento, está uma visão diferente. Na melhor tradição da Igreja, os bispos reconhecem que ninguém nasce cristão, que a fé exige uma opção livre e profunda da pessoa. Ao contrário da mentalidade precedente (de continuidade), esta visão assume o corte que a opção por ser cristão significa. E a catequese é o conjunto de processos e instrumentos que ajuda o convertido a entrar nesta nova vida.

c) Como lá chegar?

Não basta já fazer proliferar os catecismos e as propostas para tentar adiar o afastamento da Igreja. Os bispos, assumindo que a catequese é um caminho que leva da não-fé à inserção eclesial madura, sentem que não se pode improvisar. Respeitando a liberdade da graça de Deus no seu diálogo com a liberdade humana, esse caminho deve ser organizado de tal modo que permita, efectivamente, fazer crescer.

Esse itinerário é muito mais do que a mera sequência das catequese e dos catecismos.

Deve ser elaborado com uma atenção grande aos processos de crescimento e desenvolvimento do catequizando, bem como aos horizontes sociais e culturais onde se move.

Deve prever as competências e os conteúdos a adquirir e assimilar ao longo do caminho.

d) “E quem mete o guizo ao gato?”

Toda esta visão renovada da catequese teria pouco ou nenhuma incidência na realidade se não houvesse na Igreja pessoas e instituições que assumem como seu ministério pô-la em prática.

Este documento tem claro que o serviço da catequese envolve e implica toda a comunidade. Porque tem que ver com a sobrevivência da própria comunidade. Esta tarefa de “gerar novos filhos” não é pelouro deste ou daquele. É vocação e responsabilidade da comunidade como um todo e de cada um dos seus membros.

Evidentemente, dentro dela há responsabilidades específicas: os pastores e os catequistas.

Os bispos assinalam também o papel das famílias, o que é natural dado que a catequese que temos é maioritariamente uma catequese com menores.

e) Com que recursos?

O texto dos bispos recorda que esta tarefa de renovação da catequese tem vindo a ser preparada pelo magistério. Documentos como o Catecismo da Igreja Católica, o Directório Geral da Catequese, *Ecclesia in Europa*, *Novo Millennio Ineunte* ou *Tertio Millennio Adveniente* dão pistas importantes e apoios sólidos nesta tarefa.

Os catecismos são, obviamente, instrumentos a melhorar e a apreciar. Sempre na consciência de que são recursos necessários mas não suficientes.

Catequese e iniciação cristã

JOÃO MANUEL DE OLIVEIRA RIBEIRO (*)

1. A *“Carta Pastoral sobre a renovação da Igreja em Portugal na fidelidade às orientações do Concílio e às exigências do nosso tempo”*, de 1984, ao falar da Pedagogia da Fé defendia já uma pedagogia catecumenal, *“não só nos casos, entre nós relativamente pouco frequentes, de adultos que pedem o Baptismo, mas sobretudo nos muitíssimo mais numerosos de baptizados que não chegaram a fazer uma verdadeira iniciação cristã”*, que assegurasse *“a todos os fiéis uma verdadeira iniciação cristã, independentemente de a receberem antes ou depois do Baptismo e dos outros sacramentos da iniciação (Confirmação e Eucaristia)”*(nº 15) e recomendava como fundamental que a iniciação cristã se fizesse *“à maneira de caminhada dentro da comunidade dos fiéis, sendo pois uma experiência tipicamente eclesial”*(nº 16). Esta Nota apresenta ainda a estrutura da Iniciação Cristã, seguindo o Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (nº 17).

Daquí se conclui que a Iniciação Cristã não é uma ideia estranha ao Magistério do Episcopado Português. Todavia, é a primeira vez que um texto da Conferência Episcopal Portuguesa relaciona explicitamente Catequese e Iniciação Cristã. Esta relação, numa Nota Pastoral que a si mesma se intitula de *“Orientações para a catequese actual”*, é absolutamente significativa porque implica uma indicação clara para a catequese actual: a catequese hoje é catequese de iniciação cristã.

2. Estas **“orientações para a catequese actual”**, no seguimento do Directório Geral da Catequese (nº 65 e 66), afirmam que *“a catequese está ao serviço da iniciação cristã”* e fundamentam esta concepção desenvolvendo o seguinte percurso:

* Mestrado em Teologia; Director dos Secretariados Diocesanos da Educação Cristã e do Ensino da Igreja nas Escolas da Diocese do Porto; docente na Universidade Católica Portuguesa.

a) Definição de catequese – “*A catequese é um itinerário*”, gradual e progressivo, que “*não acontece de um momento para o outro*”. Na linha do dito no ponto anterior (ponto 3 da Nota Pastoral), diremos legitimamente que é uma etapa do processo evangelizador. A finalidade desta etapa é “*a vida cristã adulta*” que se concretiza na conversão a Deus, na configuração com Cristo e “*na santidade vivida na caridade*” pela “*participação na Eucaristia e, como consequência, na missão da comunidade*”.

A esta definição de catequese falta, curiosamente, a dimensão do conhecimento da mensagem cristã ou dos conteúdos. Esta vertente da catequese aparece quando se referem as “*várias dimensões da fé*” e se sublinha o “*conhecimento do essencial do mistério cristão*” e se apontam as “*componentes da vida cristã*” ou tarefas da catequese e se diz que “*a fé implica ser conhecida*” (citando o DGC, 84).

b) Dinamismo da Iniciação cristã – As “*Orientações*”¹ configuram o dinamismo da Iniciação cristã apresentando sucintamente uma definição de Iniciação Cristã, e afirmando que a catequese está ao serviço da Iniciação Cristã.

A Iniciação Cristã consiste na inserção ou incorporação, gradual e progressiva no mistério de Cristo, e na comunidade da Igreja: a) “*através dos três sacramentos de iniciação cristã – Batismo, Confirmação e Eucaristia*”; b) através da aprendizagem e treino das várias dimensões da fé: conhecimento do mistério cristão, celebração da fé; oração; “*prática do Evangelho na caridade e no serviço*”.

A Iniciação Cristã é iniciativa e obra de Deus, realizada na Igreja e pela mediação da Igreja que requer a resposta livre do homem auxiliado pela graça divina e pela mão da comunidade eclesial. Este aspecto aparece tratado de forma muito sintética porque dele já se falou a propósito do que deve entender-se por “*transmissão da fé*”.

A catequese de Iniciação Cristã terá de organizar-se e articular-se de modo a incorporar o catequizando na fé e na vida da Igreja. Algumas tarefas se lhe impõem: o conhecimento da fé, a educação litúrgica, a

¹ Na maioria das vezes, referir-nos-emos à Nota Pastoral com a designação de “*Orientações*” por razões de maior comodidade.

formação moral, o ensinar a rezar (Cf. DGC, 85), a educação para a vida da comunidade e para a missão (Cf. DGC, 86). As “**Orientações**” não desenvolvem muito cada uma das tarefas, mas apresentam-nas claramente e com uma linguagem acessível. O mesmo tema das tarefas da catequese ou componentes da vida cristã é retomado no ponto 7, quando se fala da estrutura do Catecismo da Igreja Católica como texto de referência para os catecismos locais, e se diz que “*a articulação em quatro partes permite desenvolver os aspectos essenciais da fé e orientar na educação cristã integral(...). Os catecismos, no seu conteúdo, devem ter presentes as quatro tarefas fundamentais da catequese: favorecer o conhecimento da fé; proporcionar educação litúrgica; orientar na formação moral; ensinar a rezar*”.

c) A Iniciação cristã na Igreja primitiva – As “Orientações” concluem este apartado sobre a catequese e a Iniciação Cristã com uma breve resenha histórica sobre **o contexto, a pedagogia e testemunho das comunidades cristãs.**

A ideia fundamental deste apontamento é o de sublinhar a similitude histórica entre a época da Igreja primitiva e a época actual, de reconhecer e promover a Iniciação Cristã como pedagogia adequada para responder aos novos desafios sócio-culturais.

Esta consideração histórica pode dar a entender que a Iniciação Cristã é actual apenas em razão da situação cultural e social. Importa sublinhar com veemência que a actualidade fundamental da Iniciação Cristã resulta sobretudo da necessidade que a Igreja tem de aprofundar e ser fiel à sua vocação de ser origem, lugar e meta do processo catequético de iniciação. A Igreja, se quer ser fiel a si mesma, à sua profunda identidade, não pode renunciar à sua responsabilidade maternal específica: a de gerar novos filhos, pelo Espírito, em Cristo.

3. A alínea b) do ponto 4 das “**Orientações**”, intitulada “*implicações práticas para a catequese*” é a leitura pastoral (porque devidamente situada no contexto da realidade da catequese em Portugal) e pedagógica (porque traduz os conteúdos teológico-catequéticos em implicações práticas), dos n.ºs 67 e 68 do Directório Geral da Catequese.

Esta leitura segue a lógica do que anteriormente se enunciou sobre o dinamismo da relação entre catequese e Iniciação Cristã², num percurso que podemos resumir assim:

a) **O conhecimento da mensagem cristã** (*a fé conhecida*) – As expressões, retiradas do DGC, são: “*formação orgânica e sistemática na fé*”, não redutível ao ensino ou ao ocasional, mas que faça “ver Jesus”;

b) **A formação moral** (*a fé vivida*) – A partir da finalidade da catequese (Cf. CT, 5; DGC, 80), propõe-se a catequese como “um *itinerário de conversão de si mesmo ao Deus vivo*”, com implicações na vida pessoal e na “*alma da sociedade*”;

c) **A educação litúrgica** (*a fé celebrada e rezada*) – A liturgia é claramente apresentada como um “âmbito” ou “lugar” catequético, “*onde os catequizandos experimentam o que ouvem na catequese e descobrem os sinais visíveis da presença e acção de Deus*”. Trata-se, não simplesmente duma relação mais forte com a liturgia, como é enunciado, mas duma catequese para a liturgia, na liturgia e a partir da liturgia;

d) **A educação para a (vida da) comunidade** – A indicação de que a comunidade cristã é a “*origem, ambiente e meta*” da catequese é fundamental, mas merecia uma concretização pastoral maior que a referida, que é apenas de acolhimento e acompanhamento do itinerário de crescimento na fé. Trata-se, portanto, e a meu ver, do enunciado dum princípio e não duma implicação pastoral propriamente dita. Haveria que concretizar o que significa e como faz a comunidade cristã o acolhimento e acompanhamento do crescimento da fé; haveria que indicar, ainda que sucintamente, a redefinição da identidade e espiritualidade do catequista que este princípio implica.

e) **A iniciação para a missão** – A educação para o amor a Deus e aos outros e o “*compromisso de ser fermento do Reino de Deus no mundo*” são as únicas implicações práticas apontadas. Pena é que

² O próprio texto introdutório da alínea insinua esta articulação: “*A iniciação cristã convida-nos a rever a nossa forma de fazer catequese e propõe-nos algumas implicações práticas*”.

não tenham sido acrescentadas, com vigor pastoral, as que o DGC aponta, como: o compromisso evangelizador e missionário; o suscitar de vocações sacerdotais e de particular consagração a Deus; a formação e preparação para o diálogo inter-religioso (Cf. DGC, 86).

A terceira alínea destas ‘implicações’, ao propor “*um itinerário com fases que correspondam a níveis de crescimento, celebradas com ritos próprios*” deveria, no meu ponto de vista, aparecer como a última destas implicações porque articula de modo transversal todas as ‘implicações’ apontadas. Na verdade, defender “*que a passagem das fases corresponda à aquisição de capacidades e competências, à aprendizagem de gestos e à assimilação de conhecimentos*” pede a concretização efectiva das ‘implicações’ ou tarefas anteriormente enunciadas.

4. A grande novidade da **Nota Pastoral** é o próprio Documento em si. É a primeira vez que o episcopado Português, no passado recente³, dedica um texto exclusivo à catequese e é significativo que a Iniciação Cristã seja claramente assumida, na linha do DGC, como matriz e pedra angular da catequese.

A ‘ideia’ de iniciação cristã está (omni)presente a todo o texto destas “**Orientações para a catequese actual**”. É uma “ideia” que aparece implícita quanto se articula catequese e transmissão da fé, quando se situa o lugar e importância da catequese na evangelização, quando se explicita que a comunidade é o ambiente vital da catequese, quando se indicam os percursos diferenciados de catequese e também quando se apresentam os critérios de elaboração dos catecismos locais à luz (da estrutura e articulação dos conteúdos da fé) do Catecismo da Igreja Católica.

³ O último documento do episcopado português é de 1961 e intitula-se *Bases da Catequese Elementar em Portugal*.

Catequese de adultos

ANTÓNIO COELHO DE CARVALHO (*)

Na sequência da reflexão que vem sendo realizada em torno da catequese e em coerência com as afirmações feitas pelos diversos documentos da Igreja que a ela se referem, também o documento «*Para que acreditem e tenham vida*» assume e reafirma a prioridade da catequese de adultos enquanto *referência de toda a catequese e eixo ou princípio organizador em volta do qual se estrutura a catequese das diferentes idades*.

Tendo presente todo o documento e não só o que, de um modo explícito, se refere à catequese de adultos e fazendo-se uma análise global ao mesmo, podem destacar-se algumas perspectivas de leitura que certamente representarão um contributo para a reflexão acerca daquela.

Leitura antropológica

Desde logo e sem que haja a pretensão de fazer uma descrição exaustiva do adulto enquanto tal, o documento não deixa de recordar as diversas e constantes mudanças que o mesmo experimenta actualmente, em virtude da sua inserção num ambiente e numa cultura totalmente novas e em permanente transformação, e que o obrigam a uma contínua adaptação a novas situações.

Isto faz com que a condição adulta não possa ser entendida como um estado adquirido, mas antes como a capacidade de enfrentar novos desafios, de se colocar ante eles e de superar as dificuldades que os mesmos apresentam.

A esta luz, ser adulto significa ou implica estar em permanente aprendizagem, aos mais diversos níveis da vida, de modo a poder assumir conscientemente as responsabilidades inerentes, a encontrar

* Mestrado em Teologia Pastoral; Director do Secretariado Diocesano de Evangelização e Catequese da Diocese de Coimbra.

respostas para as questões e problemas que se deparam e a ter capacidade para se abrir ao mundo e às diversas dimensões da vida, inclusivamente à fé, numa atitude de procura, acolhimento e aprofundamento.

Leitura pastoral

Da leitura do documento, pode também concluir-se que o contexto em que hoje se desenvolve a transmissão da fé vai colocando cada vez mais a claro, simultaneamente, a carência e a urgência de uma verdadeira iniciação ao mundo do religioso cristão, tanto ao nível familiar, como ao nível comunitário e social.

Ao afirmar que a situação cultural e religiosa da Europa e naturalmente de Portugal exige a passagem de uma fé apoiada na tradição social a uma fé mais pessoal, adulta, esclarecida e convicta, o documento reconhece o elevado grau de secularização que progressivamente vai atingindo a própria geração adulta e aponta para a necessidade duma catequese de cariz evangelizador.

A necessidade afirmada pelo documento de dar uma nova orientação à catequese pode ajudar-nos a perceber como o esforço actualmente desenvolvido em certas práticas catequéticas (como as catequeses pré-sacramentais a pretexto do baptismo dos filhos, da primeira comunhão ou do matrimónio), ainda que útil, se pode revelar demasiado frágil, pontual e possivelmente sem grandes horizontes de futuro, em virtude da falta de um trabalho continuado e de comunidades e/ou de grupos adultos de referência.

Do mesmo modo, pode também ajudar a entender parte da ineficácia do trabalho que se vai realizando ao nível da infância e da adolescência, em virtude da não existência de comunidades adultas capazes de chamar, entusiasmar, acolher e integrar novas gerações de crentes.

Aspecto não menos relevante, apesar de todos os sinais de abertura à fé que podem ser encontrados, é ainda a constatação de que todo este ambiente, bem assim como a fragilidade da transmissão da fé, poderem conduzir a uma verdadeira e profunda escassez ou carência de presença pública cristã, confessante e crítica, nos ambientes em que se desenvolve e determina a vida da sociedade.

Leitura pedagógico-catequética

Neste sentido e ainda que não procure definir pistas para a prática da catequese de adultos, é certo que, no contexto da sua reflexão acerca da renovação da catequese, o documento recorda e aponta alguns princípios e orientações que poderão ser aplicados à catequese de adultos:

- a) compreender a catequese como iniciação, de modo que, enquanto orgânica e sistemática, proporcione uma aprendizagem de toda a vida cristã, sem se reduzir ao ocasional e/ou ao ensino;
- b) ter em conta que o crescimento e aprofundamento da fé se desenvolve como um processo, um itinerário de conversão, durante o qual é decisivo o respeito pelos sucessivos passos e pelas diversas etapas;
- c) propor percursos de catequese diferenciados, os quais tenham em conta as diversas situações e estados;
- d) atender ao desenvolvimento harmonioso de todas as dimensões da fé, procurando educá-las, não de uma forma linear e sucessiva, mas simultaneamente e de uma maneira equilibrada e harmónica;
- e) proporcionar a capacidade para aprofundar a fé numa maior relação com a cultura e com as responsabilidades sociais, profissionais e familiares;
- f) e porque “não há vida cristã sem participação na comunidade”, desenvolver a catequese num contexto comunitário, proporcionando ao adulto uma experiência de comunhão que lhe proporcione uma maior consciência de Igreja e favoreça uma melhor integração na comunidade eclesial mais ampla.

Perfil do catequista

JOSÉ CARDOSO DE ALMEIDA (*)

Para se traçar o perfil do catequista, será preciso, em primeiro lugar, “*esclarecer a identidade da catequese*” (ATV- *Orientações* 1), uma vez que terá de ser esse o verdadeiro ponto de partida.

Procurar-se-á, deste modo, uma leitura do documento da Conferência Episcopal Portuguesa: “*Para que Acreditem e Tenham Vida – Orientações para a catequese actual*”, tentando extrair dele alguns elementos essenciais do perfil do catequista, mesmo se, certos aspectos aparecem apenas enunciados.

PERSPECTIVA DE CATEQUESE

O próprio título escolhido para este documento não é casual. A relação “acreditar – ter vida”, se, por um lado, nos faz mergulhar na frescura da perspectiva evangélica, por outro, assume a novidade introduzida pelo Directório Geral de Catequese. Pretende-se, com a catequese, que os convertidos sejam “*iniciados no mistério da salvação e num estilo de vida evangélico*” (ATV 4; cf DGC 63), isto é, numa fé viva e completa, que acredita, celebra, testemunha e ora.

É assim que, sem excluir outras dimensões da catequese, as Orientações dos nossos bispos centram-na no horizonte da iniciação cristã. Afirmam literalmente que “*a catequese está ao serviço da iniciação cristã*” (ATV 4). De facto, a catequese é um “elemento” fundamental da iniciação cristã e está estreitamente ligada aos sacramentos de iniciação...favorecendo “uma profissão de fé viva, explícita e actuante” (DGC 66). Fica clara esta ligação fundamental da catequese à iniciação cristã. Mais ainda, a iniciação cristã é o horizonte

* Mestrado em Teologia; Coordenador do Departamento de Catequese do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

no qual se inscreve a catequese, é o âmbito que ilumina os próprios objectivos da acção catequética.

A ligação da catequese à iniciação cristã tem como consequência um certo perfil de catequista, que a seguir se procura caracterizar.

ASPECTOS ESSENCIAIS DO PERFIL DO CATEQUISTA

1. Discípulo de Cristo

Os catequistas *“não se devem considerar como professores que ensinam a doutrina cristã mas, sobretudo, como discípulos de Jesus Cristo”* (ATV 5). O Senhor Jesus convida, de uma forma específica, homens e mulheres, para O seguirem como Mestre, para serem seus discípulos. Este chamamento pessoal de Jesus Cristo e a relação com Ele são o verdadeiro motor da acção do catequista. É deste conhecimento amoroso de Cristo que jorra o desejo de O anunciar e de levar outros ao “sim” da fé... (cf DGC 231). Verificamos assim que a primeira condição para alguém ser um anunciador e testemunha, isto é, um catequista, consiste em viver decididamente a fé como relação pessoal com Cristo. Sem esta vivência, não há conhecimentos ou técnicas que sirvam. Esta condição, que parece óbvia, torna-se hoje decisiva, num mundo carregado de materialismo e de idolatrias de toda a ordem. A primeira “competência” do catequista é sentir-se amado por Deus e escolhê-*l*O como ideal, amar Jesus como o único bem e treinar a perseverança nesse amor primeiro. A catequese tem uma grande preocupação pela conversão: antes de mais a conversão inicial, como adesão clara a Jesus Cristo. A catequese tem como tarefa *a conversão ao Senhor e a comunhão com Ele* (cf ATV 2). Importa fazer surgir verdadeiros *discípulos de Cristo* (cf ATV 1), não descurando a conversão continuada, no dia-a-dia, a perseverança na vida da fé, avivando-a constantemente (cf CT 19).

2. Testemunha pela alegria e amor

Os catequistas são *“testemunhas da experiência de fé das comunidades”* (ATV 5). Numa catequese verdadeiramente cristocêntrica, o catequista não pode ser senão uma testemunha. Se estivesse em causa apenas uma doutrina ou somente uma moral, não haveria necessidade

de que o catequista fosse testemunha; porém, tratando-se de uma Pessoa, de um acontecimento, a catequese exige o testemunho: “O que vimos e ouvimos, vos anunciamos, para que estejais em comunhão connosco” (1 Jo 1,3). A catequese há-de ser um anúncio alegre de uma boa notícia, já encarnada na vida do catequista.

“Jesus Cristo deve ser apresentado como Boa Nova, fonte de esperança e de sentido para a vida humana e para as questões das pessoas e da sociedade”(ATV 3) e apresentado através de um testemunho completo. Trata-se do testemunho teológico (“o que vimos...”, revelação) e moral (da caridade). De facto, o mundo de hoje escuta sobretudo testemunhas.

3. Mandatado pela Comunidade

A ligação entre catequese e comunidade está fortemente realçada nas próprias Orientações: *“A comunidade cristã é o sujeito, o ambiente e a meta da catequese. Na verdade, a vida cristã é um facto comunitário, recebe-se, aprende-se e vive-se na Igreja, mistério de comunhão”* (ATV 5).

A comunidade cristã é o ambiente. Esta afirmação aparentemente tão simples centra a catequese na comunidade. Por isso, mesmo que se constate a dificuldade de muitas famílias na “transmissão da fé”, mesmo que a cultura funcione como uma “pressão para fora”, mesmo que estejamos ainda à procura das melhores pedagogias, enquanto houver comunidade, há catequese. O contrário também é verdade: sem uma comunidade viva, podemos até fazer instrução religiosa, mas dificilmente faremos catequese, porque nos falta o “habitat” natural, falta-nos o “seio materno” eclesial onde podem germinar e crescer novas vidas para a fé.

Naturalmente que não basta uma comunidade com relacionamentos débeis, tipo aglomerado religioso, como uma associação cultural. É preciso construir comunidades vivas, vivificadas pela Palavra, alimentadas pelos sacramentos e com a marca da caridade e da comunhão. *“A dimensão comunitária da catequese implica a renovação da Igreja na perspectiva de comunhão e de participação”* (ATV 5). A comunidade cristã, especialmente a comunidade paroquial, é o lugar privilegiado da catequese (cf CT 67); ela é a *“origem, ambiente e meta”* da catequese (ATV 4). É, por isso, tão urgente renovar a catequese como renovar a comunidade. De facto, só renovando a catequese e a

comunidade ao mesmo tempo, se chega a construir uma comunidade viva, com verdadeiros catequistas que sejam “transparência real do ressuscitado”(cf E.Eur 27).

É também na comunidade cristã que o catecismo encontra o seu meio vital (cf ATV 7). Por outras palavras, o verdadeiro catecismo é uma comunidade unida e com a marca da comunhão, capaz de deixar transparecer a presença do Cristo pascal.

Os catequistas são mandatados, pois agem em nome da comunidade. *“São eles o rosto e porta-voz da fé da Igreja”* (ATV 5). Podemos dizer que os catequistas precisam de ter esta “marca” comunitária. Só catequistas bem ligados ao centro da comunidade, que é Cristo, e aos irmãos, em verdadeira comunhão, estão aptos para testemunhar e anunciar a Boa-nova. Catequistas de espírito comunitário, especialistas em construir comunhão, eis os mandatados que a Igreja precisa de enviar ao nosso mundo. Por isso, o catequista, como todo o cristão comprometido, tem hoje de desenvolver uma competência fundamental: a comunhão, respondendo ao apelo de João Paulo II às Igrejas da Europa: *ser um verdadeiro espaço e instrumento de comunhão* (cf E.Eur 28), pois *“a vida fraterna dos discípulos de Jesus e a sua disponibilidade para o serviço gratuito é o testemunho indispensável para apoiar a evangelização”* (ATV 5). Afinal esse testemunho de vida fraterna é já evangelização.

4. Vive uma espiritualidade

Imitando Maria, o catequista progride na vida interior. Cuidar a formação espiritual (cf ATV 7) é o desejo dos nossos bispos, no momento da dedicatória (aos catequistas) das presentes Orientações. A comunhão com Jesus Cristo conduz os discípulos a assumirem a atitude orante e contemplativa que o Mestre adoptou. Trata-se de cultivar os mesmos sentimentos com os quais Ele se dirigia ao Pai: a adoração, o louvor, o agradecimento, a confiança, a súplica e a contemplação da Sua glória (cf DGC 85).

O catequista tem um contacto habitual com a fonte da vida que é a Eucaristia, com a prática da oração e a escuta da Palavra da vida (cf ATV 1). Vive a espiritualidade baptismal, que é espiritualidade de comunhão com Deus e de amor pelos irmãos. Além disso, o catequista é sobretudo apóstolo e profeta. Profeta, porque anuncia a Boa Nova

do Reino. Apóstolo, porque testemunha, na alegria, serviço concreto e amor recíproco, a presença de Jesus ressuscitado.

Ao mesmo tempo, o catequista sabe que é um instrumento da graça divina. Vive a paciência e a confiança de que é o próprio Deus quem faz nascer, crescer e frutificar a semente da Palavra de Deus (cf DGC 289).

5. O Catequista é um missionário

Na cultura da indiferença em que estamos mergulhados, torna-se *“indispensável o anúncio explícito de Jesus como Salvador do homem, que conduza ao despertar da fé e da conversão”* (ATV 3). O que significa então afirmar que o catequista tem de ser missionário?

- Antes de mais, ele vai ao encontro de todos, dos não batizados, mas também dos batizados, e anuncia-lhes Jesus Cristo, sempre pelo testemunho do amor e da alegria e, quando as circunstâncias o permitirem e houver receptividade, através de uma palavra sábia e oportuna. A receptividade verifica-se normalmente se o interlocutor formula alguma pergunta fundamental, que seja sinal de procura e de abertura ao mistério.
- O anúncio deve levar à conversão. O catequista sabe que a conversão é acção de Deus e por isso deve saber esperar, faz a sua parte mas não precipita os acontecimentos. Ajuda a dar um passo de cada vez. E, como *“não podemos à partida pressupor a fé”* (ATV 3), devemos ter sempre em mente que tudo o que fizermos e tudo o que fizer a comunidade tem de ter em vista sempre este grande objectivo: suscitar e fazer crescer a fé. O carácter missionário significa *“assegurar a adesão à fé”* (ATV 3), para, em seguida, a ajudar a crescer. Um grande erro da nossa acção seria considerarmos que estamos diante de convertidos, em vez de verificarmos a situação de cada um, as suas escolhas, o caminho feito, as dificuldades.
- A opção fundamental por Cristo ou a primeira conversão tem de ser constantemente renovada. Quem evangeliza não pode apenas contar com essa primeira decisão, mas tem de ajudar à perseverança e ao crescimento da comunhão com Deus. Hoje vivemos tempos difíceis, de novo paganismo, que nos desafiam a exorcizar constantemente o egoísmo e a renunciar às “seduções do mal”. Devemos treinar a luta pelo bem, renovar a profissão baptismal, por um sim constante a Deus.

- Uma consequência da opção por uma catequese missionária está na mudança de atitude em relação aos catequizandos que chegam pela primeira vez à catequese. Mesmo se a maioria já celebrou o batismo, a muitos faltará o chamado despertar religioso. É então que catequista, catecismo e comunidade têm de se adaptar à nova realidade, começando do princípio, pelo primeiro anúncio.

Trata-se de *“pôr em prática uma nova evangelização”* (ATV 3), pela fidelidade ao Evangelho, mostrando o verdadeiro rosto de Cristo, máxima expressão do Deus amor. Num mundo feio, falso e mau, o catequista será um arauto da beleza, da verdade e do bem, pelo testemunho da alegria e do amor que fermentam a comunhão. A comunhão é a forma da beleza divina derramada sobre a terra. É urgente, por isso, *“fazer da Igreja a casa e a escola de comunhão”* (NMI 43), pois é a beleza de Deus que converte e salva.

6. Especialista em acolhimento

O catequista é *“uma presença amiga, acolhedora e solidária”* (ATV 3). *“Presença e acolhimento”* são palavras que resumem bem uma das atitudes fundamentais do catequista. A comunidade deve criar um ambiente de acolhimento fraterno e de vida cristã, procurando dar atenção a cada pessoa, na sua condição particular. *“A comunidade cristã é chamada a acolher e a acompanhar o itinerário de crescimento na fé”* (ATV 4). O catequista, como membro especial da comunidade e seu porta-voz, é chamado a traduzir esse acolhimento em gestos concretos, apoiando o candidato (cf ATV 4).

Como se pode viver este acolhimento? Além do acolhimento normal que fazemos aos membros do grupo com vista a criar o ambiente propício para a catequese, acolher significa aceitar as diferenças, diferenças de educação, de atitude, de capacidade de estar em grupo. O catequista há-de procurar não *“seleccionar”* os membros do seu grupo e se tivesse de o fazer deveria ser capaz de privilegiar os menos simpáticos. Pela amizade e empatia, o catequista há-de ser capaz de não desistir de ninguém, descobrindo em cada rosto uma presença de Jesus, a quem ele quer amar, servir e ajudar a crescer.

7. Respeitador do ritmo de cada um

A catequese “*deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta*” (ATV 6). Nesse sentido, o catequista presta atenção às características psicológicas de cada um, oferece uma atenção individualizada. Cada catequizando é um caso único. Embora se trabalhe em grupos, não só pelas vantagens psicológicas, mas também pelas dificuldades de fazer de outro modo, o certo é que a fé que a catequese quer servir passa-se no íntimo misterioso de cada pessoa, como resposta ao amor divino. A fé tem uma dimensão comunitária, mas isso não significa massificação.

O catequista “*precisa de ir ao encontro da vida real dos catequizandos e de ter em conta as suas questões e experiências de modo a responder-lhes*” (ATV 3), incluindo nesse “ir ao encontro” a atenção ao caminho de fé. O catequista tem de ser *companheiro de viagem*, peregrinar com o catequizando (ou catecúmeno) na procura da fé (cf DGC 232).

O catequista vive o respeito pelo ritmo interior do destinatário, sem deixar de atender à sua circunstância. De facto, a relação do catequista com o destinatário da catequese é de fundamental importância (cf DGC 186).

8. O catequista é um animador

Com os conceitos de testemunha, porta-voz, missionário, ficámos a saber que o catequista é alguém que exerce a sua missão sobretudo através do que é e do que vive em comunidade.

Porém, tudo o que é conhecimento humano ajuda à catequese. Por isso, não há contradição com o que fica explanado se dissermos que é “*o catequista quem dá vida ao catecismo*” (ATV 7). E o catequista dá vida fundamentalmente de duas formas: pelo que é (identidade) e pelo que faz (competência). Por isso, não se pode excluir a dimensão pedagógica (cf ATV 7) na missão da catequese.

O catequista procurará amadurecer a sua capacidade educativa, o que implica: a faculdade de ter atenção para com as pessoas, a habilidade para interpretar e responder à pergunta educativa, a iniciativa para pôr em acção processos de aprendizagem e a arte de conduzir um grupo humano até à maturidade (cf DGC 244).

O catequista é também um pedagogo, que tem como modelo a pedagogia divina do diálogo e do encontro. Mas ele sabe que não pode desprezar as dinâmicas educativas e de trabalho com grupos, a força da simbólica e os demais modernos meios de comunicação. O catequista é um animador, “utilizando com discernimento as técnicas de animação de grupo, que a psicologia oferece” (DGC 245). A catequese é também uma arte, um saber fazer.

9. O catequista, atento à cultura

A inculturação brota de um verdadeiro diálogo entre o Evangelho e as culturas, de uma interação que, por um lado, respeita a integridade da mensagem e, por outro, está constantemente atenta aos traços culturais de uma comunidade ou indivíduo. A catequese *“num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho acontecimento verdadeiramente significativo”* (ATV 6).

Inculturar é fazer com que o Evangelho penetre no mais profundo das pessoas e dos povos, tocando o âmago da cultura (cf DGC 109).

O catequista é, ao mesmo tempo, uma expressão e um eficaz instrumento desta tarefa; a par de um profundo sentido religioso, deverá possuir uma viva sensibilidade social e estar bem inserido no seu ambiente cultural (cf DGC 110).

Uma das qualidades de um bom catequista é certamente o conhecimento que tem da cultura em que vive, num diálogo capaz de conduzir à interpretação de comportamentos, ao discernimento dos valores e ao anúncio do Evangelho numa linguagem que, sem deixar de ser verdadeira, está adaptada à sensibilidade dos catequizandos.

10. Sempre em formação

O documento começa por constatar que o programa actual contribuiu para uma *“formação mais sólida dos catequistas”* (ATV 1). Formação essa que deve ser *“pedagógica, doutrinal e espiritual”* (ATV 7). São as dimensões que correspondem ao ser, ao saber e ao saber fazer (cf DGC 238, 244).

É importante que haja um formação de base (que inclua, de preferência, o Curso Geral). Depois, uma formação contínua. “A partir

do exercício da catequese, a vocação apostólica do catequista, alimentada por uma formação permanente, irá amadurecendo progressivamente” (DGC 239). Esta formação contínua brota, por um lado, do próprio exercício da arte de fazer catequese e, por outro, deve contar com acções específicas e programadas.

Organizar adequadamente a *formação dos catequistas* quer no que diz respeito à formação de base, quer à formação permanente (cf DGC 333) é uma tarefa fundamental do pároco e dos catequistas coordenadores.

Em suma, na catequese de iniciação cristã, a figura do catequista é fundamental. Chamado pela Igreja a exercer o serviço da catequese, tem de estar dotado de uma fé profunda, de uma clara identidade cristã e eclesial e de uma apurada sensibilidade social. Destaca-se pela sua maturidade humana, cristã e apostólica, assim como pela sua formação e competência catequética. O catequista é um guia espiritual dos catequizandos, acompanhando-os na maturação da fé.

Das características abordadas, ressalta a dimensão testemunhal, comunitária e missionária da catequese e, como tal, do próprio catequista. Ele é um porta-voz da Igreja comunhão, testemunhando alegremente a presença de Cristo ressuscitado.

Catequese e catecismos

ANTÓNIO M. MOITEIRO RAMOS (*)

A catequese, enquanto parte essencial do ministério da palavra, faz amadurecer a conversão inicial a Jesus Cristo e conduz à confissão de fé, porque a catequese é uma formação cristã integral, aberta a todas as dimensões da vida cristã. Se isto é assim, a catequese é muito mais do que o catecismo porque um texto pode ser bom ou mau, claro ou de difícil compreensão, mais ou menos ilustrado... mas na catequese intervêm, além do catequista, o próprio catequizando, a comunidade cristã como ponto de referência e o grupo de catequese como a referência mais imediata da inserção do catequizando na vida da Igreja.

Para além destes elementos da catequese, não podemos esquecer a palavra de Deus proclamada, a liturgia que se celebra, a oração que introduz na vida íntima de Deus e o compromisso que leva à prática o que foi apresentado e apreendido na catequese. Por isso, o catecismo é apenas um instrumento, ainda que importante, que deve estar ao serviço da catequese para ajudar a fazer “ressoar” (é este o sentido etimológico da palavra “catequese”) a mensagem, vida e obra de Jesus de Nazaré, e para suscitar uma resposta que leve à adesão pessoal da fé.

Ao longo dos séculos, foi surgindo na Igreja uma constatação por parte de muitos catequetas e pastores da Igreja: a ignorância religiosa é muito grande e uma forma eficaz de a combater é através da catequese. Os nossos bispos fazem-se eco disto mesmo ao afirmarem no recente documento sobre a catequese: “Chegam muitas crianças à catequese sem os rudimentos da vida cristã, a necessitar do despertar da fé. Aparecem igualmente muitos adultos e jovens com percursos muito variados. A indiferença religiosa difunde-se cada vez mais, o

* Doutoramento em Teologia Pastoral de Catequese; Director do Secretariado Diocesano da Educação Cristã da Diocese da Guarda.

laicismo militante cria muita confusão e dúvidas acerca da verdadeira identidade cristã. A ignorância religiosa continua profunda, apesar de muitos completarem o itinerário de dez anos”¹. Esta ignorância religiosa é a antítese da catequese e o estudo dos vários catecismos ao longo da história mostra como a sua denúncia permanente e constante esteve presente na vida da Igreja. Não nos podemos resignar a que hoje, tal como em séculos passados, a ignorância religiosa alastre entre os batizados ao ponto de muitos deles não saberem dar as razões da sua fé, nem qual é a sua identidade como cristãos.

O que define um catecismo é o seu carácter sintético, ou seja, uma explicação completa sobre a fé. Os catecismos, segundo palavras autorizadas do papa João Paulo II, devem ser *“fiéis aos conteúdos essenciais da Revelação e actualizados no que se refere ao método, em condições de educar para uma fé vigorosa as gerações cristãs dos tempos novos”* (CT 50).

Quando falamos num catecismo, é importante fazermos a distinção entre “catecismo maior” e “catecismo menor”. O catecismo “maior” coloca o acento nos conteúdos da catequese – exemplo deste catecismo é o *Catecismo Romano*, publicado em 1566, fruto do concílio de Trento e o *Catecismo da Igreja Católica*, publicado em 1992 e também texto de referência inspirado no concílio Vaticano II. O catecismo “menor”, destinado aos catequizandos, tem em conta, para além dos conteúdos da fé, os outros elementos da catequese: aquele que anuncia – é um texto de referência para o catequista; como se realiza o anúncio da Mensagem Cristã – o método e a pedagogia utilizados; e aquele a quem se destina – os destinatários. Não é igual um catecismo “maior”, destinado a todos e que é ponto de referência na elaboração dos textos catequéticos, e os catecismos “menores”, que devem prestar atenção aos problemas concretos dos destinatários: a sua cultura, o meio onde vivem, os problemas com que se debatem... daqui a dificuldade que sempre existe na elaboração dos catecismos e a sua pouca vigência, tendo em conta as mudanças vertiginosas a que está submetida a nossa época.

¹ *Orientações para a Catequese em Portugal*, n.º 4.

Quatro são as dimensões fundamentais de um catecismo²:

Iniciação à fé. É uma síntese dos conteúdos da fé cristã e destina-se a pessoas não iniciadas na fé, que podem ser, como no caso da Igreja primitiva, os catecúmenos que se preparam para os sacramentos da iniciação cristã ou os que tendo nascido num ambiente cristão necessitam fundamentar a sua fé e encontrar razões para acreditar. A fórmula clássica da apresentação dos conteúdos da fé apoia-se, desde os primeiros séculos, no credo apostólico. A estrutura trinitária, onde a parte cristológica é a mais desenvolvida, apresenta as principais verdades da fé: a existência de Deus, a Trindade, a criação do mundo e do homem, a redenção, morte e ressurreição do Filho de Deus, a Igreja como comunidade de fé no Espírito Santo, a justificação e a vida eterna. Isto encontramos-lo no discurso de Pedro na casa de Cornélio: *“Sabeis o que ocorreu em toda a Judeia, a começar pela Galileia, depois do baptismo que João pregou: como Deus ungiu com o Espírito Santo e com o poder a Jesus de Nazaré, o qual andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele. (...) E mandou-nos pregar ao povo e confirmar que Ele foi constituído por Deus, juiz dos vivos e dos mortos. É dele que todos os profetas dão testemunho: quem acredita nele recebe, pelo seu nome, a remissão dos pecados”* (Act 10, 37-38.42-43).

Instrução na fé. O catecismo é um manual ou compêndio da fé destinado aos ainda não crentes ou aos cristãos, com a finalidade de desenvolver e enraizar neles a fé infusa no sacramento o baptismo. O catecismo *“deve ser um texto de carácter sintético e básico, no qual se apresentam, de maneira orgânica e no respeito pela hierarquia das verdades, os acontecimentos e as verdades fundamentais do mistério cristão”* (DGC 132). Ele é, assim, um instrumento necessário para todos quantos desejam instruir-se na fé ou desejam aprofundar as verdades da fé cristã.

Regra de fé. O catecismo é texto oficial da Igreja e, como tal, *“é uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, testemunhadas*

² Cf. Wolfgang Langer, *Catecismo (critérios)*, in *Dicionário de Catequética*, C.C.Salesiana, Madrid 1987, 129-131.

*ou iluminadas pela Sagrada Escritura, pela Tradição apostólica e pelo Magistério da Igreja*³. O catecismo, enquanto regra de fé, é um texto de referência para o ensino da doutrina católica e, no caso do *Catecismo da Igreja Católica*, referência obrigatória para a elaboração dos catecismos locais (cf. CCE 4), através dos quais a Igreja comunica o Evangelho de forma acessível à pessoa humana, a fim de que ela possa apreendê-lo realmente como Boa Nova de salvação (cf DGC 131).

Interpretação da Tradição. O catecismo deve oferecer pistas para que a fé possa incarnar-se na vida cristã. Não basta apresentar uma mensagem de forma clara e atraente, é necessário realizar as adaptações que são exigidas *“pelas diferenças de culturas, idades, espiritualidades, situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese se dirige”* (CCE 24).

Dos critérios que as *Orientações para a Catequese em Portugal* apresentam para a elaboração dos catecismos em curso, queria realçar alguns aspectos que julgo relevantes para a sua renovação:

1.º Uma maior atenção à “apresentação da palavra de Deus” feita pelos catecismos. A Bíblia é o livro por excelência da catequese e tudo o que fizermos para pormos os catequizandos em contacto com a palavra de Deus é sempre frutuoso porque existe uma relação estreita entre a leitura contínua e frequente da Sagrada Escritura, de tal modo que se estabeleça um diálogo com Deus e leve o crente à experiência de Deus. Concretamente, a *lectio divina consiste na leitura de um texto bíblico, sob a luz do Espírito Santo, para que a palavra lida, meditada e interiorizada desemboque em oração e transforme a vida*. A apresentação da Mensagem Cristã, através de uma teologia narrativa onde a palavra de Deus seja o ponto de partida no acto catequético, deve estar muito presente nos novos catecismos. Uma das deficiências dos actuais catecismos do Programa Nacional de Catequese da Infância e Adolescência é a de apresentar a palavra de Deus desligada da vida dos catequizandos e pouco inserida na sua caminhada de fé. A palavra de Deus consiste na apresentação de uma pessoa – Jesus de Nazaré, o Verbo encarnado – e tem de ser a fonte, o centro e a meta de toda a catequese.

³ Constituição *Fidei Depositum*, n.º 4.

2.º Uma síntese de fé clara e acessível aos catequizandos.

O carácter sistemático, essencial, completo e integral da catequese (cf. CT 21) exige que não descuremos a apresentação da fé cristã a partir do Credo e, podendo ser, tal como aparece no Credo baptismal professado na Vigília Pascal, ao renovarmos as promessas do nosso baptismo. Era bom que fossem aparecendo ao longo do catecismo algumas catequese que ajudassem na memorização das principais fórmulas de fé. Após a apresentação da pessoa de Cristo (ou outra dimensão da fé), deviam aparecer inseridas no *Guia do catequista* e no *Manual da criança* as principais fórmulas da fé utilizando o método de perguntas e respostas. O *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, recentemente publicado, pode ser um instrumento muito útil para esta memorização da fé.

3.º Uma maior atenção à vida dos catequizandos. É certo que os catecismos em uso e os que estão para ser publicados aparecem, logo à partida, com uma deficiência e que dificilmente pode ser colmatada nos próximos tempos: se a catequese de adultos é a catequese referência de toda a outra catequese, também os catecismos da infância deviam ter como referência os catecismos de adultos publicados sob a responsabilidade dos bispos portugueses. Faltando este ponto de referência, isso não nos impede que tenhamos como preocupação apresentar a Mensagem Cristã através das novas tecnologias e dos novos métodos pedagógicos já tão utilizados nas ciências sociais. Não podemos ficar apenas com o desenho, os cartazes, o painel... mas sim com os meios que os adolescentes e as crianças utilizam no seu dia a dia (CDs, computador, videojogos...).

Para terminar, vejamos uma curiosidade que considero ter cabimento num artigo como este destinado a catequistas. A palavra “catecismo” foi utilizada pela primeira vez⁴ no *“Catecismo pequeno da doutrina e instruíam que os cristãos ham de creer e obrar pêra conseguir a benaventurança”*, feito pelo português Diogo Ortiz e publicado em Lisboa, em 1504.

⁴ Cf. Bellingher, Gerhard; *Der Catechismus Romanus, seine Geschichte und bleibende Bedeutung fur Theologie und Kirche*, in *Katechismus der Welt - Weltkatechismus*, Eischstat 1993, 42.

O Bispo, primeiro responsável da catequese

D. MANUEL PELINO DOMINGUES (*)

Introdução: amplitude da pregação do Bispo

Desde o Concílio Vaticano II que se tem insistido que o Bispo é o catequista por excelência e o primeiro responsável pela catequese na sua diocese. A primeira e principal tarefa que lhe é confiada é o anúncio da Palavra que ilumina e salva. É pelo anúncio do Evangelho que pode alicerçar nos fieis uma fé sólida, esclarecida, capaz de se confrontar com a descrença e com o materialismo. Do anúncio do Evangelho depende também o crescimento da Igreja e a evangelização do mundo. Por isso, o Bispo, na fidelidade à linha dos apóstolos, deve dispor do seu tempo de modo a dar prioridade à missão profética da Igreja.

É muito ampla e complexa a responsabilidade do Bispo na pregação do Evangelho. O Decreto Conciliar “Christus Dominus”, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, refere as muitas tarefas que fazem parte do dever do Bispo de pregar o Evangelho: chamar à fé, pelo primeiro anúncio que desperta a fé e a conversão; confirmar na fé pela formação catequética; ir ao encontro das pessoas e dialogar com elas; pregar na celebração da liturgia; estabelecer diálogo com a sociedade humana; defender a dignidade da pessoa e da família; iluminar os problemas sociais e éticos; cuidar que se ministre ensino religioso nas escolas e nas universidades; promover conferências e declarações públicas; impulsionar os meios de comunicação social, etc. Deve igualmente vigiar para que seja ministrada catequese necessária às crianças, adolescentes, jovens e adultos de modo que a fé dos crentes seja viva, esclarecida e activa. Do mesmo modo, pertence-lhe procurar que os catequistas se preparem convenientemente para esta missão (Cf CD 12-14). Para não me perder na abordagem de uma missão tão

* Bispo de Santarém.

vasta, pensei em organizá-la em três momentos: 1- O Bispo como pregador do Evangelho; 2- o Bispo como primeiro responsável pela transmissão da fé; 3- O Bispo com a Igreja à escuta da Palavra.

1. O Bispo como pregador do Evangelho

Um Bispo tem de pregar muitas vezes, perante auditórios muito variados e sobre assuntos muito diferentes. Toma a palavra em praças públicas, em cerimónias oficiais, em empresas, em iniciativas sociais, em grupos ou associações que visita, de carácter religioso, social, cultural. Todas as pessoas, nestas variadas ocasiões, esperam dele uma palavra de apoio, de reconhecimento, de esperança. Possivelmente também de iluminação e abertura para novos horizontes. Em muitos destes espaços, o Bispo fala não só para fiéis cristãos, mas também para descrentes e para muitos que se situam na fronteira, ou seja, que sem estar dentro da Igreja, também não estão fora: têm referências e memória cristãs, frequentam a Igreja ocasionalmente, estão atentos e mostram interesse pelo que a Igreja diz. Parece-me que estes constituem a maior parcela de muitos auditórios extra eclesiais.

Um Bispo prega também, muitas vezes, no ambiente em que se sente mais em casa: na celebração da Eucaristia onde a pregação se integra na acção litúrgica. Normalmente, a presença do Bispo nas comunidades congrega assembleias mais numerosas que nos domingos habituais. As pessoas, de um modo geral, estão atentas e interessadas. Mas o Bispo não pode aproveitar para falar de muitos assuntos que o preocupam. A pregação litúrgica não é um tempo de antena à mercê do pregador. Tem um estatuto próprio que deve ser respeitado também pelo Bispo: estar relacionada com as leituras ou com o mistério celebrado e incidir na vida concreta dos ouvintes. As pessoas esperam muito das homilias: que alimentem a fé e a esperança, que curem as feridas e conduzam à contemplação do Verbo de Deus presente na celebração. Mas também que sejam breves e bem organizadas. Respeitando a sua especificidade própria, a homilia pode ser um momento de evangelização muito rico.

Os momentos que podemos considerar de formação catequética e de confirmação na fé, acontecem sobretudo nas visitas pastorais. A presença do Bispo nas comunidades, durante alguns dias, é um

acontecimento que suscita bastante abertura, acolhimento e atenção, tanto da parte dos fieis como da sociedade civil. O Bispo tem oportunidade de ir ao encontro das pessoas nos lugares concretos onde decorre a existência delas, conhecer os problemas reais, dirigir a palavra a um público variado. Nestas intervenções, os espaços profanos e a situação do auditório aconselham uma perspectiva humanista e social: iluminar os problemas do trabalho, da dignidade da pessoa, da relação social, dos valores humanos, etc. Mas as visitas pastorais proporcionam também muitos encontros de formação com os cristãos mais empenhados, como os pais, os catequistas e os colaboradores nos diversos serviços da comunidade. Nestes encontros o Bispo pode ouvir, reconhecer e apoiar a acção de tantos obreiros generosos do Evangelho que se dedicam, no meio de muitas dificuldades, à missão da Igreja. A visita pastoral oferece ainda uma ocasião privilegiada para confirmar na fé dos fieis.

2. O Bispo como primeiro responsável pela transmissão da fé

A formação catequética de crianças, adolescentes, jovens e adultos, bem como a preparação adequada dos catequistas para a ministrar, está em primeiro lugar entre as tarefas de um Bispo. Num mundo secularizado e pós-cristão, difícil para a fé, só através de um itinerário catequético, atento a todas as dimensões da vida cristã e destinado a todas as idades, é possível formar os fieis para viverem com firmeza, convicção e empenho o cristianismo. Nesse sentido, se recomenda ao Bispo que vigie e se esforce para que a catequese e a formação de catequistas correspondam aos desafios da época em que vivemos.

Ora um Bispo, na sua acção pastoral, pode verificar os frutos e a vitalidade da catequese a partir de variados ângulos de observação: quando acompanha a acção do Secretariado Diocesano de catequese nas acções de formação de catequistas; quando visita as paróquias e contacta com as crianças, adolescentes, catequistas e famílias; quando realiza encontros prévios com os confirmandos e dialoga com eles sobre o significado do Crisma e da fé cristã; também quando preside à celebração da Eucaristia nas paróquias. De facto, a forma como se celebra a Eucaristia, ou seja, a participação activa e atenta dos fieis, a composição etária da assembleia, o envolvimento de grupos e

serviços litúrgicos na celebração, mostram os frutos da catequese. Na verdade, esta tem como finalidade a vida cristã adulta, a confirmação da fé, que se manifesta na oração, na participação da Eucaristia e na integração na comunidade cristã.

Pessoalmente devo confessar que, nos encontros com os crismandos, encontro grupos bem preparados, com convicções seguras, com ligação à Igreja, com alegria de viver a fé e vontade de colaborar na missão da Igreja. No entanto, dou igualmente conta de lacunas frequentes. Após onze ou doze anos de frequência da catequese até ao Crisma, noto, muitas vezes, uma iniciação deficiente à prática dominical, bem como à oração e ao conhecimento básico da Bíblia. Nota-se a influência forte do ambiente secular nos jovens crismandos. Até na forma como entram na Igreja, como rezam, como se pronunciam sobre aspectos elementares da vida cristã. Falta frequentemente uma experiência pessoal de fé, a cultura cristã é bastante incompleta, os gestos mais simples da fé não estão adquiridos. Numa palavra, andaram na catequese mas não foram suficientemente iniciados na vida cristã.

Esta verificação conduz a uma conclusão clara: a renovação da catequese deve processar-se sobretudo na perspectiva da iniciação cristã. O modelo que habitualmente ainda vigora é o modelo escolar, de aquisição de conhecimentos e de utilização de práticas pedagógicas activas. Num ambiente social cristão poderia ser suficiente. Numa cultura agnóstica é indispensável que a catequese introduza na relação com o mistério de Deus e da Igreja. Não bastam, por isso, novos catecismos. Os novos instrumentos necessitam de catequistas com uma visão renovada da tarefa catequética na linha da iniciação cristã.

A iniciação cristã é um facto comunitário. Não é obra de pessoas individuais mas de uma comunidade de fé que ofereça o sinal visível do ensino que a catequese ministra. É na memória e na experiência religiosa de uma comunidade cristã que se encontram os sinais visíveis que concretizam e apoiam a catequese. É no seio da comunidade que se encontra o acolhimento e o ambiente para crescer na fé. Por isso, no itinerário de crescimento da vida cristã pessoal, é necessário a relação constante e vivida com a comunidade. Relacionar e integrar os catequizandos na comunidade e levar a comunidade a conhecer, a

acolher e a apoiar os catequizandos deve tornar-se uma preocupação constante da catequese.

Por outro lado, a catequese não funciona isolada de outras acções eclesiais do anúncio do evangelho. A catequese é uma fase da evangelização, preparada pelo primeiro anúncio da fé e continuada pela formação permanente que tem na Eucaristia a sua principal fonte e escola. É necessário situar a catequese num processo de evangelização. Fora deste contexto, não encontra condições de eficácia. Esta é outra direcção prioritária da renovação a fazer na formação catequética. Por isso, o Bispo não pode cuidar apenas que as comunidades tenham a catequese e a formação de catequistas bem organizadas. Deve preocupar-se também que o primeiro anúncio da fé seja realizado de forma clara e eficaz.

3. O Bispo com a Igreja à escuta da Palavra

Para ser anunciador da Palavra de Deus, é indispensável primeiramente escutá-la de forma atenta e disponível. Só quem a ouve por dentro, a interioriza, a guarda no coração e a leva para a vida, é que pode anunciá-la. Esta lei vale para todos os evangelizadores: bispos, presbíteros, catequistas, pais, testemunhas da fé em geral: *“É necessário que aqueles que se consagram legitimamente ao ministério da Palavra, leiam e estudem com assiduidade as Escrituras, para não se tornarem pregadores vazios e superficiais da Palavra de Deus, por não a escutarem interiormente”* (DV 25).

A Sagrada Escritura é um sinal e um instrumento de encontro com Deus. Na verdade, *“nos livros sagrados, o Pai que está no céu sai amorosamente ao encontro dos Seus filhos para conversar com eles”* (DV 21). O Filho, Verbo eterno do Pai, dirige-se a nós hoje e ilumina a nossa vida. A voz do Espírito Santo, que inspirou o texto sagrado, ressoa nas palavras dos profetas e dos apóstolos (Cf DV 21). Por isso, a Igreja venera a Sagrada Escritura como venera o Corpo do Senhor e, nos textos sagrados, escuta com devoção a Palavra de Deus (Cf DV 1; 21).

A atitude de escuta interior é difícil e exigente. Vivemos num ambiente de dispersão e de pressa, mais motivados para o activismo do que para a contemplação. Precisamos de exercitar a atitude de

escuta. A tradição da Igreja oferece-nos uma pedagogia que ultimamente tem sido constantemente recomendada pelo Magistério: a “lectio divina” que nos convida e prepara para uma escuta meditada e orante da Sagrada Escritura.

A catequese tem em vista introduzir na “lectio divina” para que o catequizando, após o itinerário catequético, fique em contacto directo com a fonte onde pode receber constantemente a água viva da Palavra de Deus. Procurem, por isso, os catequistas propor exercícios da “lectio divina” nos encontros de catequese. Parece-me que os catequizandos se cansam com demasiadas leituras. Será preferível seleccionar um texto breve de forma a ser meditado, rezado e memorizado, através de alguma frase.

A Palavra, quando escutada e interiorizada, reanima a esperança, aquece o coração, prepara para o encontro com o Senhor e conduz à comunidade, como aconteceu com os discípulos de Emaús. Este ícone deve inspirar a catequese de forma que esta se torne um itinerário de fé em que a Palavra de Deus, meditada e rezada, nos leve à união com o Senhor, na oração, na Eucaristia e nos sacramentos, e à participação na vida da comunidade.

E... os destinatários

ALDA REGO (*)

1. E... os destinatários?

Destinatários são, na acepção óbvia do termo, todos aqueles que, de facto ou de direito, se dirigem à catequese. Do ponto de vista descritivo, quando, na literatura catequética, se fala de destinatários da catequese, frequentemente se fala de idade, utilizando-se esta como indicador ou critério pedagógico.¹ No Directório Geral da Catequese² podemos ler que a catequese: “Deve dirigir-se aos seus destinatários privilegiados que foram e continuam a ser as crianças, os adolescentes, os jovens e os adultos, partindo sobretudo destes últimos.” Mas há outras perspectivas de abordagem dos destinatários. Por exemplo, há quem distinga os destinatários da Mensagem cristã em **destinatários de direito** - *todos os crentes e não crentes* - e **destinatários de facto** - *os pobres* - os privilegiados de Jesus. Também o Directório³ nos diz que, a exemplo de Jesus, os destinatários da mensagem são, sobretudo, os mais desfavorecidos.

De facto, Jesus é o Catequista do Reino de Deus para todas as categorias de pessoas: grandes e pequenos, ricos e pobres, enfermos, próximos e afastados, judeus e gentios, homens e mulheres, justos e pecadores, povo e autoridades, indivíduos e grupos...⁴ Tal significa que, no fundo, o verdadeiro destinatário da Catequese é a **Comunidade cristã**. Nessa perspectiva, temos de ultrapassar a visão individualista da Catequese. **Não são os indivíduos os destinatários da catequese, mas sim as comunidades, os grupos, como nos diz o DGC no nº 253.**

* Mestrado em Catequética; Coordenadora do Departamento de Catequese da Infância e Adolescência, na Diocese de Viseu.

¹ CT 35-45; EN 49-58.

² DGC 33.

³ DGC 163.

⁴ Cf. Act 1-8; cf. Mt 28,20.

Também é importante referir que, numa concepção renovada da Catequese, não se devia falar de **destinatários** da catequese, expressão que subentende uma atitude essencialmente passiva, mas sim de **participantes**, uma vez que todos têm um papel activo a desempenhar no processo da transmissão e crescimento da fé. Neste sentido parece ser mais acertado que, em vez de falar de catequese às crianças, jovens ou adultos, se falasse antes de “**catequese COM crianças, jovens e adultos**”. Esta perspectiva aponta para a necessidade de, dentro da actividade pastoral, a catequese dever ser considerada como a forma de acção eclesial que conduz à maturidade da fé, tanto as comunidades como, em consequência, cada um dos fiéis. Neste âmbito da comunidade, a catequese diz respeito e orienta-se para todas as idades. “Na Igreja de Jesus Cristo, ninguém se deve sentir dispensado de receber catequese, de modo especial os adultos.”⁵

Em relação, pois, com os destinatários da catequese, ainda fica em aberto o problema de se a catequese deve ter um termo temporal ou se deve ser considerada como um processo que acompanha, ao menos de direito, toda a vida do crente. Neste momento, recorro com muito carinho uma das muitas expressões de Paulo VI que guardo no coração, quando dizia aos catequistas: “O homem desde que nasce até morrer está sempre em estado de catequese...Eu hoje, mais do que nunca, preciso de catequese...” A concepção corrente e actualizada considera a Catequese como um tarefa inacabada, como caminho de crescimento para uma maturidade jamais alcançada totalmente.⁶ Assim, *a catequese como serviço da Palavra e caminho para a maturidade da fé estende-se a toda a existência humano-cristã.*

2. O princípio de fidelidade

A fidelidade ao homem não compromete, de forma alguma a fidelidade a Deus, como diz João Paulo II: “Fidelidade a Deus e fidelidade ao homem numa única atitude de amor”! Não posso, pois, ser fiel a Deus, se não procuro ser fiel ao homem meu irmão. É esta

⁵ CT 45.

⁶ A Exceler - *Egencia y misión de la catequesis*, Barcelona, p.66.

fidelidade ao homem que se converte, com a fidelidade a Deus, em critério do próprio método catequético. Este princípio de fidelidade é o elemento e o motivo inspirador de todas as hipóteses de renovação da catequese. Podem aparecer muitas e variadas hipóteses de renovação, mas só serão válidas ou autênticas as que têm por base esta dupla fidelidade.

Se aceitamos este princípio fundamental, compreendemos que, na base de qualquer método catequético, está a lei da fidelidade à Palavra de Deus e a fidelidade às exigências concretas dos fiéis. Não se trata, pois, de duas preocupações diferentes, mas de uma única atitude, como Jesus, sempre fiel ao Pai e sempre disponível aos irmãos, isto é, servir a pessoa na sua integridade. Mas, como diz Ortega y Gasset, o *homem é ele, mais a sua circunstância*⁷. Daqui que, a encarnação da mensagem no homem envolva o tema da cultura ou das culturas, que não são uniformes nos diferentes grupos humanos. Estamos, como nos diz a *Gaudium et Spes*, num período novo da história e num tempo de profunda mudança cultural. Mas também e simultaneamente, num processo de unificação cultural universal, com todas as vantagens e desvantagens. Há, pois, que reflectir seriamente sobre o homem de hoje⁸. É, actualmente, indispensável uma síntese entre a fé e a cultura, para que a catequese conduza a uma fé vivida, inculturada e contextualizada. "Actualmente, o serviço da fé tem grande consideração pelos ambientes e contextos de vida, uma vez que é neles que a pessoa desenvolve concretamente a sua existência, recebe influências e influencia, e exerce as suas responsabilidades."⁹

Precisamos de ter presente, ao longo desta reflexão, que a Palavra revelada é uma mensagem para o homem, a fim de que ele possa atingir a salvação. E a Palavra feita carne no homem, Jesus de Nazaré, deve continuar o seu processo de encarnação na carne colectiva que é a humanidade de todos os tempos, até à Parusia. Em se tratando da catequese, como, em geral, da educação da fé, não nos podemos esquecer que esta última só progride quando se apresenta como

⁷ "Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.", Ortega y Gasset, *Meditaciones del Quijote*.

⁸ DGC 32,33.

⁹ DGC 192.

resposta corajosa e exigente. Os facilitismos, as meias verdades, não levam a nada e não convertem ninguém. Não são sinal de fidelidade ao homem, nem de inculturação. Trata-se, tão-somente, de um trabalho mal feito, incapaz de cumprir a sua missão. De facto, a radicalidade é uma urgência: *Se queres, vem... se não queres, fica...*

A Igreja e, concretamente, todos os implicados no que diz respeito à catequese não devem preocupar-se tanto em conservar ou aumentar o número de catequizandos ou de crentes, mas orientar-se para a tarefa de suscitar o crescimento do mundo humano segundo o plano de Deus, isto é, tornar o mundo mais humano e conforme ao projecto libertador do Reino.¹⁰ Como tantas vezes, vou repetindo: **“A catequese tem de responder às interrogações profundas do ser humano, na idade em que ele está e nas situações em que se encontra.”** Sublinha isto mesmo Alberich quando diz: “por vezes e durante muito tempo inventamos perguntas e comercializamos respostas.”

No dizer de Cristina Sá Carvalho, “Cristo é a resposta da fidelidade ao homem, pois o próprio Deus se fez homem para nos dizer como se vive, para que se vive.”¹¹ Assim, a Mensagem cristã deve radicar-se na nossa cultura humana, assumi-la e transformá-la. A fidelidade ao ser humano encontra a sua resposta indissociavelmente ligada à fidelidade a Deus feito homem por nosso amor.¹² É esta a única atitude espiritual que leva a Igreja a escolher os meios mais adaptados para exercer a sua mediação entre Deus e os homens.

3. Os destinatários, no documento da Conferência Episcopal Portuguesa

Após esta breve reflexão prévia e após ter lido, com muita atenção, o Documento dos nossos Bispos “PARA QUE ACREDITEM E TENHAM A VIDA”, procurando corresponder ao que me foi pedido, dei-me conta de **que a preocupação pelos Destinatários percorre todo o**

¹⁰ Alberich, E. (2001) *La catechesi oggi - manuale di catechistica fondamentale*, Elledici, Torino, p. 43.

¹¹ Sá Carvalho, C. (2003) A fidelidade ao ser humano, *Forum de Catequese*, SNEC, Lisboa, p. 40.

¹² Cf. Sínodo dos Bispos, 1977.

documento. Desde há muito que se vem falando de Renovação da Catequese ou de Catequese renovada. Mas, como diz a *Catequese Tradendae*: “A Renovação é um Dom do Espírito Santo concedido à Igreja nos dias de hoje.”¹³ No referido documento e logo no primeiro ponto, se fala das **mudanças culturais na sociedade, em todos os sectores, e da situação dos catequizandos, cada vez mais diversificada.** Também, todo o desenvolvimento da alínea a) da **Introdução** (sobretudo o primeiro parágrafo), é referente aos destinatários. Fala, precisamente, do novo contexto cultural e religioso e das graves consequências para a catequese, e consequentemente para os destinatários. Neste parágrafo, estão bem patentes as solicitações a que estão submetidos os destinatários, sobretudo crianças e jovens. No segundo ponto, referindo-se ao “testemunho vivo dos crentes”, vai dizendo que, o testemunho deve ir conjugado com a adesão à fé, por parte dos destinatários.

No referente aos catecismos, podemos ler: **“O relevo da apresentação orgânica da fé ou da iluminação das realidades da vida humana, dependerá das características próprias de cada idade.”** Daqui derivam, pois, os critérios de elaboração dos catecismos. Os catecismos para a infância e adolescência, elaborados para um programa de 10 anos, incluem o conteúdo global da Revelação, em correspondência com as características próprias de cada idade.

O nº 5 do documento, na alínea b), refere-se ao itinerário Catequético, com fases que correspondem aos níveis de crescimento. As fases e a sua transição devem corresponder à aquisição de capacidades e competências, à aprendizagem de gestos e assimilação de conhecimentos dos destinatários. Mas, “A catequese como consequência da fidelidade a Deus, deve manter também uma atenção constante ao ser humano, auscultando-o nas suas experiências profundas,¹⁴ deve respeitar a mensagem e a pessoa concreta por uma diligente adaptação,¹⁵ num esforço constante de inculturação que respeite a integridade da fé, deve tornar o Evangelho acontecimento

¹³ CT 3.

¹⁴ Cf. DGC 78.

¹⁵ Cf. DGC 112.

verdadeiramente significativo para a pessoa humana¹⁶". Penso que este parágrafo resume bem tudo o que se possa dizer acerca da dupla fidelidade, é a síntese por assim dizer, de todo o documento, relativamente aos destinatários.

Resumindo, a Mensagem cristã tem de responder à situação concreta daqueles a quem se dirige, condicionada historicamente e em constante transformação, tanto a nível individual como colectivo. Tem de ser fiel ao homem novo, que surge impulsionado por uma geração tecnizada, socializada num mundo global e em constante transformação, pois há que dar **sentido novo e vibrante** à fé, às palavras, aos valores, às pessoas, ao mundo.

A dimensão da fé há-de animar a realidade total da pessoa, a partir do interior daqueles que a possuem e vivem. Há, pois, que dar muita atenção aos sinais do Espírito, que se manifesta de formas diferentes e diversificadas, mas que continua a atrair o homem de hoje à luz da fé.

¹⁶ Cf. DGC 97.

Incidências pastorais

MANUEL QUEIRÓS DA COSTA (*)

«Para que acreditem e tenham vida» é um documento da Conferência Episcopal Portuguesa, que surge no contexto da renovação dos catecismos e materiais catequéticos que está em curso no nosso país¹.

Embora não existisse um documento deste tipo, em Portugal a catequese sempre mereceu uma atenção particular. De facto, o itinerário de 10 anos de catequese para a Infância e Adolescência a funcionar desde 1992 e amplamente incrementado é um sinal claro da vitalidade catequética. No entanto, tornava-se urgente definir claramente o que se pede à catequese no nosso tempo, para que a educação da fé conduza ao crescimento da vida cristã.

Com o estatuto que lhe é conferido pelo facto de ser assinado pelo conjunto dos Bispos de Portugal, este documento desenvolve uma visão alargada da catequese. Fornece algumas linhas orientadoras para a renovação articulada e coerente da catequese a nível diocesano e oferece um quadro de referência para a elaboração dos recursos pedagógicos.

1. Catequese de inspiração catecumenal

O Documento começa por descrever brevemente a nossa sociedade cada vez mais marcada pelo laicismo e pela indiferença religiosa. As transformações sócio-culturais nela operadas criam novos problemas à transmissão da fé: crianças baptizadas mas sem despertar religioso, falta de abertura à fé, ignorância religiosa. Assim pode constatar-se que *«o modelo tradicional da comunicação da fé foi*

* Mestrado em Catequética; Director do Secretariado Diocesano da Educação Cristã da Diocese de Vila Real.

¹ O Documento foi elaborado pela Comissão Episcopal da Educação Cristã de que foi presidente de 1999 a 2005, D. Manuel Pelino Domingues, Bispo de Santarém, e foi aprovado na Assembleia plenária da Conferência a 23 de Junho de 2005.

posto em causa no seio de uma sociedade pluralista, pluricultural, plurirreligiosa e secularizada».

A resposta dos nossos Bispos passa pela *nova evangelização*²: em primeiro lugar, uma verdadeira acção missionária³; segue-se depois uma catequese de iniciação cristã⁴, pela qual se estrutura a conversão a Jesus Cristo⁵. Este processo inclui um itinerário de fé e de conversão, uma primeira aprendizagem da vida em comunhão com Cristo; caminhada estruturada por tempos, etapas, ritos e celebrações com o acompanhamento catequético adequado e, finalmente, aprendizagem de todas as dimensões da vida cristã. Assim, pode dizer-se que a grande opção deste documento é a de uma verdadeira acção catecumenal ou de uma catequese de inspiração catecumenal.

Concretizando um pouco mais, supõe-se que a catequese inicie os catequizandos nas várias mediações eclesiais:

1. à Palavra **de Deus** ou conhecimento sapiencial da fé que passa pela experiência do encontro com Cristo Vivo; os critérios e atitudes morais e evangélicas; o conhecimento doutrinal da mensagem.
2. à **Liturgia** ou celebração da fé e à oração pessoal e comunitária.
3. à **Comunidade** ou experiência eclesial da fé como o âmbito em que se nutre a vida cristã
4. ao **Serviço** nas várias expressões: testemunho coerente da fé; o compromisso transformador do mundo; o anúncio explícito de Jesus Cristo Salvador de todo o homem e do homem todo.

² A expressão «nova evangelização» foi utilizada por João Paulo II em diversas ocasiões (1984 – Santo Domingo e nas encíclicas *Redemptoris Misio* e *Christi Fidelis Laici*) e tem como objectivo final construir uma civilização do amor. Para tal são necessárias comunidades cristãs maduras na sua fé, entusiasmadas pelo Evangelho, com um estilo de vida alternativo e geradoras de cultura cristã. Os grupos só serão comunidades maduras através de processos catecumenais que tenham uma experiência afectiva de Deus, dos valores do Evangelho, da fraternidade e do compromisso transformador.

³ Vejam-se as expressões «presença e acolhimento», «captar a benevolência dos destinatários», «primeiro anúncio», «anúncio explícito de Jesus como Salvador do homem que conduza ao despertar da fé e da conversão».

⁴ O número 4 é totalmente dedicado à iniciação cristã descrevendo o seu dinamismo, e tirando as implicações práticas para a catequese.

⁵ O processo de conversão radical, segundo o DGC, tem os seguintes momentos: «o interesse pelo Evangelho», «a conversão», «a profissão de fé» e o «caminho para a perfeição» (cf. DGC 90).

2. A comunidade cristã

Um aspecto fundamental deste documento é o envolvimento da comunidade cristã no seu todo. Não podemos considerar que a responsabilidade da catequese é apenas de um grupo restrito a quem se encomenda um serviço. Trata-se, antes de mais, de suscitar comunidades cristãs no seio das quais se possam ver e saborear as experiências que estruturam a vida da fé. A catequese deve estar no coração da comunidade cristã. É a comunidade que faz a iniciação cristã.

A comunidade cristã está estruturada ministerialmente, cada um segundo a sua vocação e missão:

- Os pastores que têm o cuidado pastoral devem dar à catequese prioridade máxima. Também eles devem ter uma formação permanente para a catequese.
- A família que contribui de forma marcante para o despertar da fé e que deve ser ajudada pela comunidade cristã na tarefa de educar.
- O catequista é «porta-voz» da fé da Igreja e testemunha da fé da comunidade. A sua escolha e formação são essenciais.

3. Implicações práticas

Indicamos aqui, muito resumidamente algumas propostas concretas, merecendo, cada uma delas, um posterior desenvolvimento adequado:

- a. Este documento diz respeito a todos os cristãos. Toda a comunidade cristã, a partir deste documento, deverá tomar consciência da importância da iniciação cristã. De facto, percebe-se que a solidez da fé, a perseverança, a superação das dificuldades num mundo complexo e contraditório depende sobretudo de como se faz a iniciação cristã.
- b. Este documento pede projectos diocesanos de catequese com coerência e consistência, seguindo a linha do que é proposto no Directório Geral de Catequese. A catequese não é tudo, não pode fazer tudo, mas tem um papel essencial no qual todos podem colaborar.

- c. Este documento deve fazer parte da formação dos catequistas, não como uma mera acção pontual mas que atravesse toda a formação e permita aos catequistas descobrirem as referências fundamentais do processo de iniciação cristã.
- d. É importante promover uma pastoral familiar não apenas voltada para a vida em casal, mas também para formar pais capazes de educar os seus filhos na fé.
- e. Servirá frutuosamente para reuniões de conselhos pastorais e de todos os grupos dinâmicos da Igreja actual, para que a catequese esteja verdadeiramente no centro da vida pastoral.

Concluindo, o documento *«Para que acreditem e tenham vida»* merece uma leitura pessoal cuidada e, em seguida, uma reflexão alargada aos cristãos. Torna-se necessário um envolvimento de todos para que a Igreja, através de comunidades vivas, leve a Boa Nova de Jesus Cristo aos homens e mulheres do nosso tempo.

Leituras

Secretariado de Braga

1. As orientações enfrentam o problema de uma “Catequese demasiado escolarizada”. Se o que se pretende é renovar o âmbito vital da Igreja, não nos parece que a manutenção do esquema escolar seja o mais consentâneo. Com efeito, a Catequese é um caminho de fé e não um “curso” que as crianças, adolescentes, jovens ou adultos, frequentam. Não se trata de memorizar algumas “coisas” ou alguns “factos”. Trata-se antes de polir-se, digamos assim, para encontrar a «forma crística» impressa em cada pessoa até chegar a professar com Paulo: *já não sou que vivo é Cristo que vive em mim*.

2. Nota-se uma confusão sobre o que se entende por Catequese de Iniciação Cristã. Por exemplo, não se percebe que na Catequese de iniciação da infância e adolescência a Primeira Comunhão (Sacramento da Eucaristia) e a profissão de fé (uma festa do percurso dos dez anos da Catequese) apareçam no mesmo nível e na ordem inversa. De facto, a profissão de fé é um elemento prévio e intrínseco aos Sacramentos de Iniciação Cristã, e é ponto de partida da Catequese (cf CT 19). A Iniciação cristã é uma acção misteriosa de Deus, que se pode descrever com três verbos que expressam bem o cerne da Catequese: antes de mais (*Acedere ad fidem*) *aceder à fé* – primeira aproximação à fé e à inicial conversão; segue o (*Ingredi in fidem*) *penetrar, ingressar, entrar na fé* mediante um aprofundamento que implica levar à vida a Palavra do Senhor; e por último *Signare fidem*, ou seja, *selar a fé* com o Baptismo. «Desde o tempo dos Apóstolos que tornar-se cristão requer um caminho e uma iniciação com diversas etapas. Este itinerário pode ser percorrido rápida ou lentamente. Mas deverá sempre incluir certos elementos essenciais: o anúncio da Palavra, a profissão de fé, o Baptismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso & agrave; comunhão eucarística» (CCE 1229).

3. Da leitura do estrato cultural descrita no documento, sobressai uma mentalidade distorcida, fragmentária, fruto da visão científica e tecnológica que reduziu a realidade ao tangível e ao experimentável, e como consequência, gerou uma ‘miopia’ na perspectiva da vida em que o Ser desaparece de tudo. Atento a esta situação e outras

expressas, advogamos que se incremente, quanto antes, uma Catequese (de Iniciação Cristã, no seu sentido próprio – cf RICA) que ajude a abrir os olhos do coração para ver mais além, reconhecendo o nosso ser criatural (chamados a participar da natureza divina). Esta Catequese (autêntica catequese – cf DGC 66–68) é a única via, que, desde sempre, leva o homem a receber-se de Deus, isto é, a reconhecer-se como um dom Deus; é a via do amor, do desejo, de atracção, de abertura... É, aliás, o prisma da actividade catequética dos Padres (cf CCE 7–8), pois toca directamente a realidade profunda de todo o homem, com suas situações vitais.

P. Luís Faria Pedro

Secretariado de Coimbra

Do que gostámos mais

Da oportunidade destas Orientações e do facto de num só documento podermos encontrar todas as orientações da Igreja para a Catequese em Portugal, hoje.

O que falta à nossa catequese para atingir o ideal

- ser evangelizadora e levar à adesão a Jesus Cristo;
- ser feita em grupos de catequizandos acompanhados de pessoas com forte vivência cristã que, pelo seu testemunho, possam incentivar o crescimento da fé dos outros;
- começar a experimentar a pedagogia do catecumenado utilizando as suas várias etapas;
- no itinerário da infância e adolescência, definir capacidades e competências para cada uma das fases de modo a que a transição corresponda a uma maior maturidade humana e cristã;
- o grupo de catequistas ser dinamizador da vida cristã, “alma da sociedade”, de modo a motivar os catequizandos.

Novidades encontradas

Não foram propriamente encontradas novidades de conceitos, o problema reside na falta de aplicação de muitos deles; nomeadamente:

- projecto nacional ou diocesano de catequese de adultos;
- formação do clero na área catequética;
- selecção e formação de catequistas;
- maior envolvimento diocesano pela tarefa da catequese.

Dimensões da prática questionadas

- carácter demasiado escolarizado da catequese;
- fraca ligação à comunidade;
- pouca iniciação aos espaços, gestos, comportamentos, símbolos e ritos celebrativos;
- dificuldades na fidelização à participação na Eucaristia;
- pouca preocupação pelo compromisso social e eclesial.

Teresa Costa e Teresa Lobo

Secretariado do Funchal

O amadurecimento do projecto de catequese da Igreja em Portugal, reconhecido além fronteiras, impunha a redacção de orientações para a catequese no conjunto das nossas dioceses.

«Estaremos a formar discípulos de Cristo [...]»? Parecem-me lúcidas a análise do contexto português e a verificação da acção que a Igreja aí realiza. Deparamo-nos, porém, mais com uma débil mas persistente «indiferença religiosa» do que com um «laicismo militante».

No campo da transmissão da fé, cabe a distinção ente «fé em que acreditamos» (conteúdo, que não se educa ou modifica mas transmite-se) e «fé com que acreditamos» (acto, que se educa ao criarmos condições propícias para que seja acolhido o dom da fé, humanamente intransmissível).

A passagem para «um novo contexto sócio-cultural» parece equilibrar bem:

- a tradição artística, orante... e as «coisas novas» como «as atitudes» susceptíveis de «abrir» o Homem hodierno, «capaz de um acto de fé» em Deus;
- a família e a comunidade, ressaltando que «a transmissão da fé deve estar associada, sobretudo, ao testemunho vivo de uma comunidade cristã». Caberá justamente o quinto capítulo inteiramente à comunidade.

No capítulo «evangelização e catequese», se esta se inclui no processo global de evangelização, porque tomar a expressão «catequese evangelizadora»? «Primeiro anúncio» significa perfeitamente «convidar constantemente a uma atitude de conversão...». Não apenas «depois do primeiro anúncio é o momento da catequese»; aquele é não só prévio mas também concomitante a esta, porque o retoma (cf. CT 19).

Sublinha-se a relação entre catequese e iniciação cristã, tão bem explicitada no *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*; esta não é manobra de recurso mas protótipo de qualquer catequese. Há que

questionar a nossa prática catequética dirigida à infância e adolescência. Face ao pluralismo analisado na introdução das Orientações para a Catequese Actual, a resposta passará por percursos diferenciados para os que, a toda a hora da vida, se querem tornar cristãos.

Quanto aos catecismos, convinha esclarecer o que significa ter «como referência o Catecismo da Igreja Católica e como fonte a Palavra de Deus». Escolas há que consideram fonte da catequese e, por conseguinte, dos catecismos, a fé da Igreja; e, como referência obrigatória, a Palavra.

P. Héctor Figueira

Secretariado de Lamego

1. De que aspectos gostei mais

É um texto refrescante, que procura olhar de frente para a situação contemporânea.

Faz um bom diagnóstico da sociedade em que vivemos: o pluralismo cultural, a diversidade dos catequizandos, o laicismo militante e a ignorância religiosa.

Penso que transpira, ainda, uma preocupação subterrânea – a da sobrevivência institucional da Igreja – quando deveria insistir mais na necessária renovação para que Jesus seja mais e melhor conhecido.

2. O que falta à nossa catequese para se atingir o nível ideal

A institucionalização crescente da comunidade eclesial tem afastado as pessoas mais preparadas para a evangelização daqueles que precisam de ser evangelizados. Por outro lado, aqueles a quem acaba por competir directamente essa tarefa continuam a ser mal preparados e tratados como cristãos de segunda categoria, a quem compete mais obedecer do que participar activamente. A relação de ambiguidade entre hierarquia e leigos, onde os ministérios laicais continuam a não ser claramente definidos tem conduzido a uma situação de ruptura entre a sociedade e a Igreja, o que dificulta muito o trabalho dos catequistas.

Um distanciamento efectivo entre a vida pessoal e a vida eclesial dificulta “ver Cristo” nos outros. A falta de fraternidade que se sente no seio das comunidades e das equipas de pastoral prejudica muito o progresso da tarefa evangelizadora, que deveria ser assumida por todos como missão irrevogável. A catequese precisa de ser assumida por toda a comunidade.

A catequese, tal como nos é apresentada nos catecismos, carece de uma vertente doutrinal mais explícita, concreta e aplicada à vida acompanhada do testemunho daqueles que acabam por ser a face

mais visível da Igreja. É fundamental a referência de testemunhos vivos para que possamos formar discípulos.

3. Que novidades encontrei

- O admitir que a conversão pessoal dos agentes da pastoral à fé que anunciam é um passo fundamental para testemunhar ao mundo quem é Jesus Cristo e o que Ele faz por nós.
- O reforçar da necessidade urgente de uma catequese de adultos estendida tanto aos agentes da pastoral como aos restantes cristãos ou candidatos a cristãos.
- O reconhecimento de que a fraternidade é o segredo da primeira evangelização, já que a adesão a Jesus é uma adesão que implica a afectividade humana.
- O primeiro anúncio no contexto do itinerário catequético é muito interessante, já que a conversão deve ser precedida de um anúncio jubiloso e convincente da fé da Igreja em Jesus Cristo.

4. Que dimensões da minha prática foram questionadas

A coerência inequívoca entre o anunciado e o vivido como exigência permanente no contexto da comunidade, mas não só.

Penso que a “meta” da catequese não é a comunidade, pelo menos não no sentido de “Igreja Católica”, mas toda a humanidade, já que a salvação deve ser oferecida a todos. Talvez devesse dizer-se “comunhão”.

P. Aniceto Morgado

Estudios relacionados

Catequese e transmissão de fé

LUÍS MIGUEL RODRIGUES (*)

A catequese, que tem como finalidade “fazer com que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo” (CT 5), está ao serviço da Palavra, da transmissão da Revelação.

Está é sempre um dom gratuito de Deus, no qual Ele se dá a conhecer à humanidade, Ihe mostra o Seu mistério, convidando cada pessoa a uma relação pessoal de amizade com Deus, com o Deus que quer salvar todas as pessoas. Este desígnio salvífico de Deus é dado a conhecer por palavras e gestos, que têm o seu ponto culminante em Jesus Cristo: mediador e plenitude da Revelação.

A catequese, como serviço eclesial de transmissão de fé, tem como missão dar a conhecer Jesus Cristo: a Sua vida, palavras, milagres e gestos. Aliás é Cristo o centro da catequese. “Tem que se dizer, portanto, que na catequese é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado — e tudo o resto sempre em relação com Ele; e que somente Cristo ensina; qualquer outro que ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz, permitindo a Cristo ensinar pela sua boca” (CT 6).

A Mensagem de Cristo está presente na Igreja, que a guarda e transmite a cada geração, através da Sagrada Escritura e Sagrada Tradição, pelo que a transmissão da fé é um acto essencialmente eclesial. É a Igreja que guarda os documentos da fé e todos eles são parte integrante das fontes da catequese, a saber: textos bíblicos, textos litúrgicos, escritos dos Padres da Igreja, formulações do Magistério, símbolos da fé, testemunhos dos santos e reflexões teológicas (cf DGC 96).

* Mestrado em Catequética; Coordenador do Departamento da Catequese da Arquidiocese de Braga.

Esta transmissão de fé há-de possibilitar o acesso e a assimilação da linguagem própria da fé, dialogar com a cultura, dizendo qual é a fé em que se acredita, mas há-de ser capaz, sobretudo, de gerar uma nova cultura: uma cultura evangélica.

Proposta de Fé e Conversão

A catequese, como anúncio da Palavra divina, convida sempre à conversão e à fé em Jesus Cristo, de forma plena e sincera, em ordem a um seguimento do mesmo Jesus. Crer tem uma dupla referência: à pessoa e à verdade.

A catequese é o momento da evangelização em que aqueles que deram a primeira adesão a Jesus Cristo são iniciados nos mistérios da salvação e da vida evangélica: “trata-se de inserir na plenitude da vida cristã” (CT 18), pelo que a catequese que a Igreja hoje preconiza, a catequese de iniciação cristã, está vinculada estreitamente aos Sacramentos da Iniciação. “A catequese é, assim, elemento fundamental da iniciação cristã e é estreitamente ligada com os sacramentos de iniciação, de modo particular com o Baptismo, ‘sacramento da fé’. O elo que une a catequese com o Baptismo é a profissão de fé que é, ao mesmo tempo, o elemento interior a este sacramento e a meta da catequese. A finalidade da acção catequética consiste precisamente nisso: em favorecer uma viva, explícita e operante profissão de fé. A Igreja, para alcançar esta finalidade, transmite aos catecúmenos e aos catequizandos, a viva experiência que ela tem do Evangelho, e a sua fé, a fim de que estes a façam própria, ao professá-la. Por isso, ‘a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de Si mesmo ao homem, em Jesus Cristo; revelação esta conservada na memória profunda da Igreja e nas Sagradas Escrituras, e constantemente comunicada, por uma ‘traditio’ (tradição) viva e activa, de uma geração para a outra” (DGC 66).

À catequese de iniciação cristã corresponde estruturar a conversão a Cristo, dando as bases para essa primeira adesão. Os convertidos, mediante “um ensinamento de toda a vida cristã e uma aprendizagem devidamente prolongada no tempo” (AG 14) são iniciados no estilo de vida evangélico e nos mistérios da salvação, ou seja, ao “crescimento da vida cristã” (*Para que acreditem...*, 1). O objectivo é iniciar na plenitude da vida cristã (DGC 63).

Para conseguir os seus objectivos, a catequese há-de procurar: uma formação orgânica e sistemática da fé; uma aprendizagem de toda a vida cristã, uma iniciação à fé cristã integral; formação básica, essencial, centrada no nuclear da fé cristã.

A catequese deve, então, favorecer o *conhecimento da fé*, descobrir sempre mais o mistério de Cristo, que nos revela o Pai, e aderir a Ele: “o aprofundamento no conhecimento da fé ilumina cristãmente a existência humana, alimenta a vida de fé, e também capacita para testemunhar ao mundo as razões da fé. A entrega do símbolo, síntese da Escritura e da fé da Igreja, exprime a realização dessa tarefa” (DGC 85).

A Igreja, que transmite a fé como dom recebido do Senhor, que está presente na Sua Igreja especialmente nas acções litúrgicas (Cf SC 7), sabe que é conveniente que os cristãos participem com consciência na liturgia, celebrando a presença salvífica de Cristo, pelo que a catequese deve favorecer o conhecimento dos *significados litúrgicos* e sacramentais, os sinais e a dimensão comunitária da celebração.

A conversão a Jesus Cristo implica viver no *seguimento da Sua vida*. Por isso, a “catequese deve transmitir aos discípulos as atitudes próprias do Mestre. Assim, (os catecúmenos) deverão percorrer um caminho de transformação interior ao longo do qual, pela sua participação no mistério pascal de Cristo, ‘passem do homem velho para o homem novo em Cristo’”(DGC 85). A força interpeladora da evangelização acontece quando, juntamente com a palavra anunciada, se oferece também a palavra vivida.

A inserção no Mistério de Cristo leva os cristãos a assumirem a *dimensão orante* de Jesus, rezando com os mesmos sentimentos que Ele rezava ao Pai: confiança, adoração, louvor, súplica, agradecimento e contemplação da Sua glória. Por isso, quando a catequese é vivida num clima de oração, a aprendizagem da vida cristã alcança toda a sua profundidade. A oração ajuda o catequizando quando este se confronta com aspectos mais difíceis do Evangelho e quando se sente arrebatado pela acção de Deus na sua vida: acompanha-o nos momentos mais difíceis e de maior felicidade.

Para além destas quatro tarefas essenciais da catequese, há também outras duas que importa cuidar. A primeira é a educação para a *vida*

comunitária, educando para viver a fé em Igreja. E do sentir-se Igreja deriva a segunda tarefa que é o *sentido missionário*, pois como discípulo do Senhor, cada cristão leva-O aos distintos meios em que se insere, dando testemunho verdadeiro da sua fé.

Testemunho e Catequese

O último elemento a referir é a transmissão da fé, que se realiza através do testemunho. O testemunho de fé é a forma mais bela da transmissão da Revelação, até porque a transmissão da fé é essencialmente testemunho.

Trata-se de pôr à disposição do catequizando a verdade da fé, aquela realidade viva que impregna e envolve o ser da Igreja. Trata-se de ser testemunhas pessoais da salvação de Deus e mostrar aquilo que vimos e ouvimos (cf 1Jo 1, 1-3). Tal como Jesus dá testemunho do Pai e os apóstolos dão testemunho de Cristo, à Igreja cabe dar testemunho do Ressuscitado. Assim, através da Igreja, podemos chegar ao testemunho apostólico, e deste, ao de Jesus Cristo que nos revela o Pai.

No exercício da transmissão da fé, o testemunho é essencial e permite, em virtude da sua própria natureza, mostrar mais palpavelmente a realidade da fé, a vitalidade da sua verdade e a proximidade de Jesus Cristo. Graças ao testemunho, a Igreja poderá afirmar diante do homem de hoje a força e a beleza da fé e proclamá-la com gozo e reconhecimento: Esta é a nossa fé, esta é a fé da Igreja. A catequese, ao estar vinculada à confissão de fé da Igreja, da sua vida, favorece a coerência entre o crer e o agir, por isso, é testemunho e exigência de testemunho.

A transmissão da fé realizada na catequese deve poder ser vista por cada crente como uma abertura para a sua vida, uma resposta às suas dúvidas e anseios, uma fonte de valores e de plenitude de vida. Cada catequizando é ajudado a descobrir o sentido e o significado da vida.

Catequese e nova evangelização

D. ANACLETO DE OLIVEIRA (*)

1. A expressão **nova evangelização** foi introduzida por João Paulo II nos finais dos anos 80, passando desde então a figurar em muitas das suas intervenções, nomeadamente nas que se referem à missão da Igreja para o terceiro milénio do cristianismo.

A evangelização é *nova* sobretudo por aquilo que a partir da Europa, desde há séculos o principal centro de irradiação do cristianismo, vem sucedendo: o longo processo de passagem do regime de crmandade, dominante na Idade Média, para uma sociedade em que a Igreja foi perdendo o seu domínio nas instâncias de poder mais determinantes da vida humana. Uma laicização que se não ficou apenas pela laicidade, nomeadamente dos estados, mas que, por diversas vias, foi conduzindo a um laicismo que se tornou dominante, não só no âmbito das estruturas sociais e políticas, das ciências e da cultura, mas principalmente no foro mais pessoal das mentalidades e, conseqüentemente, dos sentidos e modos de viver.

Um laicismo que, sobretudo a este último nível, não só tem levado muita gente a distanciar-se da Igreja e até a combatê-la e persegui-la, mas acabou mesmo por se intrometer no interior da Igreja e afectar e infectar cada vez mais cristãos: quantos deles não há hoje que, para além de alguns sacramentos, pouco mais procuram na Igreja? E quantos destes e de outros que até são considerados praticantes, mas na vida, nas suas concepções e nos seus hábitos, chegam a ser piores do que alguns dos que se têm por ateus ou agnósticos? Se juntarmos uns e outros, teremos a maioria dos crentes, pelo menos em sociedades maioritariamente cristãs, como é a nossa.

Para eles é que a evangelização é nova, no sentido de re-evangelização. Se é que esses cristãos alguma vez chegaram a confrontar-se e a comprometer-se pessoal e conscientemente com o evangelho.

* Bispo Auxiliar de Lisboa; Membro da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

2. Desde a origem, o termo **evangelho** é aplicado à mensagem que não apenas anuncia um acontecimento salvífico, mas que, pelo anúncio, é criadora de salvação. É uma notícia boa, não apenas pelo bem que anuncia, mas principalmente pelo bem que produz naqueles a quem é anunciada.

Pressupõe uma situação de perigo ou carência de vida. Na origem, sobretudo em contextos bélicos. E quanto mais grave for a situação, tanto mais vital será o *acontecimento* que lhe põe termo. Mas, para isso, tem de ser comunicado, transmitido. Para quem o ignora apenas pelo *anúncio* se torna realmente salvífico.

Para isso, porém, é preciso que nele se acredite. Só que a *fé* depende, não apenas do sujeito que acredita, mas tanto ou mais do *conteúdo* em que se é desafiado a acreditar. E este, por sua vez, tem a ver não menos com a credibilidade do *mensageiro*. Mais concretamente com a sua condição de testemunha: com o reflexo da mensagem na sua vida.

No caso da mensagem cristã, é Cristo que actua eficazmente no conteúdo do evangelho, nos seus mensageiros e nos seus destinatários. Ou melhor: o Deus de Jesus Cristo.

3. De facto, o que no evangelho cristão se anuncia é basicamente a intervenção de Deus na **morte e ressurreição de Cristo**. É assim que aparece formulada, por exemplo, em 1 Cor 15,3-5.

De início proclamava-se apenas o acontecimento da ressurreição. Mas depressa as testemunhas do Ressuscitado se aperceberam de que a ressurreição de Jesus só era explicável por Ele ter morrido como morreu: pelos nossos pecados. Isto é, por causa deles e para deles nos libertar. Que o mesmo é dizer, por amor: amor a Deus, a quem Ele na morte se entregou totalmente, como até então ninguém tinha feito; e amor a nós criaturas humanas, por quem se entregou como justo pelos pecadores. Por isso, isto é, por a morte de Jesus ter sido um acto de amor à medida de Deus, por isso é que Deus nela interveio pela ressurreição. Foi no dom total da vida que Jesus atingiu a sua vitalidade máxima, se revelou definitivamente como Messias e Filho de Deus, se tornou participante único do poder salvífico de Deus.

Daí que se não possa falar da sua ressurreição sem uma referência explícita ou implícita à sua morte. São dois acontecimentos indissol-

ciáveis, ou, se quisermos, duas faces do mesmo acontecimento. Veja-se, nesse sentido, como Ele, na condição de ressuscitado, aparece aos discípulos: mostrando-lhes “as mãos e o peito” de crucificado (Jo 20, 20.27).

Este o Cristo vivo que passou a ser fonte de vida pelo evangelho que “é poder de Deus para a salvação de todo o crente” (Rm 1, 16).

4. O primeiro desafio à fé é lançado pelo **conteúdo da mensagem**. Proclamar que alguém venceu a morte responde ao desejo mais forte, à ânsia mais profunda do ser humano. Faz parte da nossa natureza. Que procuramos nós em tudo o que pensamos, projectamos e realizamos, desde o primeiro momento da nossa existência, senão viver? Mais: vivemos, na medida em que fazemos pela vida. E não apenas para a prolongar por mais algum tempo. O que realmente todos querem é que a vida nunca acabe. Mesmo em idade avançada, a morte é sempre terrível. E se acontece ser aceite ou desejada é porque já está em acção na existência que se leva; tanto que esta se tornou insuportável. Ou então quando se espera que a morte não seja o fim. Mas, mesmo então, não é a morte que se deseja, mas a vida para além da morte.

Só que isto ultrapassa-nos, se reduzidos às nossas capacidades e meios humanos de sobrevivência. Daí a religião. Em todas as suas formas e expressões, tem sempre a ver com o desejo e a necessidade inata da criatura humana de vencer a finitude da vida em todas as suas componentes. Por isso se recorre ao transcendente: por causa da vida que só dele se pode esperar.

Assim acontece com o evangelho cristão. Nele a ressurreição de Jesus é sempre atribuída a Deus: Aquele que em todo o Antigo Testamento se revelara como o “Deus vivo”. Vivo, na medida em que dá a vida. Nomeadamente quando libertou o seu povo do Egipto e da Babilónia e a ele se uniu em aliança de vida. E sempre de um modo gratuito, por amor. O amor que, perante as infidelidades e pecados humanos, adquire a forma extrema do perdão, isto é, do dom sem limites. Foi este amor que atingiu a sua expressão máxima no dom do seu próprio Filho e na vida que este deu pela humanidade.

Neste caso, o evangelho que O anuncia, mais do que um desafio à fé, está na sua origem: confiamo-nos totalmente Àquele que antes se

deu todo por nós. Entregamo-nos a Ele porque Ele se entregou por nós. É do seu amor que nasce e vive o nosso amor. Tal é o seu poder vivificante, salvífico.

5. Para a fé é ainda fundamental o testemunho do **mensageiro do evangelho**. Isto é, que a mensagem que anuncia por palavras se manifeste na sua vida.

Vejamos o caso de Paulo. Como foi ele constituído apóstolo, senão pela manifestação de Cristo morto e ressuscitado? Isto é, a sua conversão e vocação consistiram na experiência vivificante que só o Deus presente e actuante em Cristo morto e ressuscitado pode realizar. De tal modo que a nova existência assim recebida se torna impensável sem o anúncio daquele que está na sua origem. Daí a sua exclamação: “Ai de mim, se eu não evangelizar” (1 Cor 9,16).

Daí também as consequências para o exercício do apostolado. Acerca dos seus sofrimentos escreve em 2 Cor 4,10.12: “Trazemos sempre no nosso corpo a morte de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste no nosso corpo... de tal modo que em nós opera a morte, mas em vós a vida”. E por que renuncia ele ao direito a ser materialmente recompensado pelo seu trabalho missionário? “Por causa do evangelho, para dele me tornar participante” (1 Cor 9, 23).

E é exactamente por nele assim encarnar este evangelho da cruz e da graça, por isso é que ele é acolhido na fé: uma fé que se não baseia “na sabedoria dos homens, mas no poder de Deus” (1 Cor 2,5). O Deus de Jesus Cristo em acção na vida do seu apóstolo.

6. Note-se que Paulo escreve tudo isto num contexto de **catequese**, isto é, de aprofundamento da adesão ao Deus de Jesus de Cristo. Todas as suas cartas são dirigidas a cristãos e têm como objectivo fortalecê-los nas suas convicções de fé, esclarecendo dúvidas, corrigindo desvios ou indicando caminhos a seguir. O que de resto é comum à maioria dos restantes livros bíblicos.

E o que era prática de então, vale ainda hoje: toda a catequese tem de derivar do evangelho e a ele conduzir. Por outras palavras: tem de ser **evangelizadora**. Para crentes “praticantes” e, com muito mais razão, para os tantos “não-praticantes” dos nossos dias:

- Tem de ir ao encontro dos catequizandos nas situações concretas da sua existência: nas suas carências, dúvidas e ânsias, em tanta espécie de limitações e desvios que directa ou indirectamente estão ligados à morte. Situações a que apenas Deus pode responder de modo pleno e satisfatório.
- Tem de, para isso, conduzir os catequizandos a um (re)encontro pessoal com este Deus que se revela em Jesus Cristo: quer através da mensagem transmitida, apontando para o amor vivificante de Deus que nela se revela; quer através da oração, nas suas diversas formas, depois de para isso os catequizandos terem sido motivados e preparados.
- Tem de ser feita por catequistas que vivem o que transmitem e enquanto o transmitem: especialmente no modo empenhado com que se preparam pelo estudo e a oração; no acolhimento delicado e afável prestado aos catequizandos; na convicção com que falam e rezam; na persistência com que vencem obstáculos, fazendo de fracassos, incompreensões e provações ocasiões para fortalecer a sua fé e esperança...
- Tem de inserir os catequizandos em comunidades cristãs, cuja vida nasce e se alimenta da mensagem do evangelho: na realização de actividades de evangelização e ensino; em celebrações vivas e participadas da fé, com especial relevo para a eucaristia; na vivência generosa do amor entre os seus membros e destes para com os de fora. Este o terreno em que a fé dos catequizandos se pode tornar fecunda: transformando-os em novos agentes da evangelização. É que a fé, como o amor, aumenta na medida em que é testemunhada. Cristo está tanto mais vivo em nós, quando, por meio de nós, é fonte de vida para os outros.

Uma leitura do mundo de hoje

CRISTINA DE SÁ CARVALHO (*)

1. As fundações abaladas ou a metamorfose do sagrado

Vivemos um tempo peculiar, que funde, numa amálgama pouco homogênea, a fé cristã, ameaçada pela situação sócio-cultural e pela forma deficiente como os cristãos a vivem, e o retorno do religioso, sob a forma de uma nebulosa místico-esotérica¹. A secularização das sociedades, com o desaparecimento progressivo da presença e influência das Igrejas, assume hoje, ao menos na Europa, a perspectiva de um secularismo militante, eivado de idolatrias diversas. No entanto, a grande questão dos nossos dias é, sem dúvida, o advento de um mundo sem Deus. Deus está ausente dos corações dos homens, não faz sentido para as suas inteligências e é excluído das suas realidades e do horizonte da sua vida. Talvez seja esta a exclusão mais dramática da história, pois é a exclusão do laxismo, da indiferença, da incapacidade de questionar, reflectir e dialogar, tanto do ponto de vista dos que se situam perante a Igreja, como dos que, de formas diversas e pouco funcionais, ainda se consideram cristãos, mas não vivem nem actuam como tal.

A proliferação de movimentos religiosos alicia muitos a pensar que a crise do religioso não é tão profunda quanto parece. No entanto, própria de um intenso conflito social e cultural, de tempos incertos e temores arreigados, esta aproxima-se de um ponto crítico de metamorfose do sagrado, atingindo não só as suas formas e manifestações, mas todo um horizonte de inscrição, encarnação e transmissão. O seu núcleo e eixo situa-se no deslocamento da

* Mestrado em Psicologia Educacional; Responsável pelo Departamento de Psicopedagogia do SNEC; docente na Universidade Católica Portuguesa.

¹ Termo introduzido por F.Champion, «La croyance de l'alliance de la science et la religion dans les nouveaux courants mystiques et ésotériques»: *Archive des Sciences Sociales des Religions* 82 (1993), pp. 205-222.

Transcendência, como princípio determinante do mundo e da realidade, antes configurada como Deus, o Divino, o Outro, tendo-se progressivamente centrado no homem, na sua dignidade, nos seus direitos e valores, vistos como raiz, fonte e conteúdo do sagrado, centro do real. O homem, aflito com a magnitude do mundo e aliciado pelas suas complexidades, sentou-se no trono de Deus.

Também parece certo que a Europa, tendo arrogantemente inventado a crença no poder absoluto da razão, entregou a sua esperança à ciência e acreditou no progresso infinito e irreversível. Com a Revolução Francesa, e pela primeira vez, surge na história o Estado puramente secular, que abandona a garantia e a normatização divina do elemento político, considerando-a mitológica e privatizando Deus, que deixa de ser oportuno para a vida pública². A crise do religioso e a generalizada resistência em reconhecer as raízes cristãs das democracias europeias assumem a forma de uma autêntica cristofobia³, cuja primeira componente, segundo Weigel, seria a experiência do Holocausto, tido como consequência lógica do antijudaísmo cristão. A este fenómeno, une-se a persistência de uma mentalidade de rebelião contra a autoridade, instaurada com Maio de 68, e o regresso ideológico ao hiper secularismo dos anos anteriores à revolução de 1989. Há, também, motivações de ordem propriamente política, como seja a perda de influência dos partidos democratas cristãos, a identificação do cristianismo como ideologia de direita e a rejeição que certa esquerda e alguns dissidentes católicos, secularistas militantes, fizeram da figura do Papa João Paulo II e da sua luta por uma revolução das consciências.

Esta atitude, que impressiona pelo alastramento de uma moral sem fé, relativista e sem qualquer garantia de verdade que não seja a consciência individual, caracterizável pela sua cruel volatilidade, alimenta-se de uma visão distorcida da história europeia que acentua, sobretudo, as suas raízes iluministas, esquecendo a tradição que vem, tanto de Atenas como de Jerusalém.

Mas, apesar de tamanha luz intelectual, a Europa não parece preparada para o pluralismo religioso, característica fundamental do

² A este respeito, sugere-se Marto, A. "Pós-modernidade, retorno do religioso e evangelização", *Pastoral Catequética*, nº 1, 2005, pp. 17-36.

³ Weigel, G. (2005), *The Cube and the Cathedral: Europe, América, and Politics Without God*, Basic Books, New York.

religioso na actualidade, e para todas as consequências e pressões daí decorrentes. O problema não diz respeito à proximidade e partilha territorial com as outras religiões, mas à nova forma de reagir perante estas, frequentemente assumindo a forma de sincretismos psico-religiosos de cariz mais ou menos exótico, a que o fenómeno da globalização e da interdependência planetária não é estranho. Como diz o Papa Bento XVI, a questão islâmica, por exemplo, não está ligada apenas ao desenvolvimento económico, mas “é também alimentada pela consciência de que o Islão está em condições de oferecer uma base espiritual válida à vida dos povos, uma base que parece ter escapado ao domínio da velha Europa”⁴. A este nível, da capacidade de diálogo inter-religioso, como convite não só à aproximação e ao entendimento, mas motivação para aprofundar a própria fé, poderá depender o futuro da religião.

Por outro lado, “a metamorfose do religioso que estamos vivendo tem um dos seus pontos críticos no desmoronamento das religiões tradicionais como sistemas integrais que abarcam, sancionam e fundam o conjunto da cultura, da vida social e da vida pessoal”⁵. Esta perda de estatuto significa que as pessoas já não aceitam a autoridade religiosa como definidora das crenças, das práticas rituais e dos padrões de comportamento. A religião é, hoje, uma escolha pessoal e instável, tão marcada pelo individualismo quanto as demais facetas da prática social e do perfil psicológico, pois emancipa a pessoa de quaisquer laços de dependência em relação à tradição, aos mestres, à sociedade e a quem a gere, fenómeno crescentemente sublinhado pela urbanização das populações e o anonimato que esta impõe como forma de vida.

Este individualismo também atinge os crentes, que o são, no entanto, tendo perdido o sentido comunitário da fé cristã, muitas vezes entregues a práticas piedosas de sentido ambíguo, marcadas pela falta de compromisso sério com a vida. E, numa onda moral e intelectual de procura do prazer, do interesse imediato, da vida vivida exclusivamente no presente, também, o cristianismo se torna uma fé de interesse, utilitária, imatura, não vá Deus existir.

⁴ Ratzinger, J. (2005) *Europa - Os seus fundamentos hoje e amanhã*, Paulus Editora, Apelação, p.23.

⁵ Martin Velasco, J. (2003) *El fenómeno místico*, Editorial Trotta, Madrid, p. 478.

Na Igreja vive-se, em grande parte, a religião, mas não a fé, pois o afastamento dos difíceis e exigentes critérios do Evangelho é uma constante em muitos grupos e indivíduos. Parece que os homens e as mulheres de hoje perderam a sensibilidade e o cuidado de ouvir Deus, e este endurecimento do coração e da crença afecta, igualmente, os espaços educativos, como os da catequese. As instituições debilitam-se, incapazes de transmitir, com coragem, a fé dos nossos pais, como sendo adequada aos nossos filhos. Deixam de ser autenticamente educativas, acomodadas, instadas a negociar, com famílias pouco esclarecidas, o calendário de administração dos sacramentos. Assim, a ausência quase total da religião na vida quotidiana, afasta-a da vida real, mantendo-a quase exclusivamente na área do culto e da vida das comunidades cristãs, onde existem, assim como dos poucos actos religiosos que têm relevância social ou cultural.

Esta situação evidencia a necessidade de se aprender a ler o Evangelho, de se desenvolver, no próprio interior da Igreja, uma abertura missionária, encarando as necessidades como um desafio a ultrapassar o medo e a trabalhar os fundamentos e o fundamental. Também mostra quão importante é a personalização da religião, pois a religiosidade verídica tem o seu centro numa opção pessoal que requer a experiência de proximidade, de intimidade com Deus. Quando o homem aprende a esvaziar-se do que é frívolo e leviano, do que é duro e egoísta, Deus faz-Se presente e ambos estabelecem uma relação amorosa. Então, o Mistério habita o coração humano e, milagre dos milagres, este coração, tocado pela graça, reconhece Deus como O que basta, abandonando-se confiadamente a uma preferência absoluta, oferecendo toda a sua vontade. Assim se caracteriza uma religiosidade adulta.

2. A reconstrução do essencial

A questão central da educação da fé, para o futuro que se avizinha, é a criação de condições integrais de desenvolvimento de uma vivência pessoal da fé. Não se trata de educar para a rotina, para a herança cultural abstracta, para a afirmação ideológica ou institucional, traduzidas num catálogo, mais ou menos amplo, de verdades. Trata-se de preparar as crianças e os adolescentes para um encontro amoroso, para a experiência fundamental de amar e reconhecer-se

amado, o que responde à necessidade de personalização da fé. Parece-nos, pois, e dentro do quadro referido, que a educação da fé e, especificamente, a catequese das crianças e dos adolescentes, enfrenta três desafios particularmente centrais. Da sua capacidade de lhes responder dependerá o seu sucesso educativo.

Assim, a necessidade de uma vivência pessoal da fé, coloca-nos perante um primeiro desafio, que diz respeito ao despertar religioso e à sua articulação com a primeira fase da catequese. A etapa de maior sensibilidade no que diz respeito à abertura ao transcendente, ocorre numa fase da vida que é prévia à entrada na escolaridade obrigatória e, de acordo com a tradição, anterior à entrada na catequese. Fruto da socialização religiosa familiar e centrada numa educação que sublinha os laços amorosos com os pais e a confiança que a criança deposita nestes, e por eles, no mundo que a rodeia, leva a criança a desenvolver uma extraordinária capacidade de amar e de ser amada, que se reflectirá directamente na sua relação com Deus, quando Este lhe for apresentado.

A relação com Deus é um processo que nunca termina, está em permanente construção. “A religiosidade em sentido cristão entende o valor último à maneira de um Deus pessoal, o bom Pai que se aproximou, da nossa vida, por Jesus. Abrir caminho à relação com este Deus é, precisamente, o único que podemos conseguir na fé. ...A educação religiosa deve converter-se...em vida gratificante ou vida boa. ...permitir (à criança) ser feliz, pelo menos nalguns determinados espaços de tempo (na catequese). ...ao originar-se numa atmosfera de calor humano, poderá, também, construir-se a relação com Deus através da oração e do discurso racional. ...A construção da relação com Deus é a primeira iniciação na fé cristã. Os fundamentos da educação religiosa não têm outro objectivo que este: aprender a viver com Deus, o que supõe, pôr Deus em relação com cada situação da sua vida, de modo que esta chegue a ter sentido”⁶.

Se “a educação do despertar religioso consiste, essencialmente, na formação e educação da relação interpessoal entre a criança e Deus Pai, manifestado em Jesus pelo Espírito Santo”, então no “fundamento da educação ou formação do despertar religioso está, como *humus*

⁶ Oser, F. (1996) *El origen de Dios en el niño*, Madrid, Ediciones S. Pio X.

fundante, a explicitação e desenvolvimento da condição de filho de Deus recebida no baptismo e, portanto, a construção e desenvolvimento da personalidade cristã que é vida de comunhão com Deus, da qual a criança é o primeiro protagonista”⁷. Mas, o despertar religioso, nem sempre se dá hoje no seio da família, com grave detrimento para a construção da personalidade do crente. Esta ruptura da tradição educativo-cristã exige que não se continue a supor, por ignorância ou negligência, ter este ocorrido quando a criança chega pela primeira vez à catequese aos seis ou sete anos.

A secularização da cultura e a paganização dos costumes têm uma forte influência nas famílias e na educação das crianças. Mesmo nas famílias que assumem uma raiz católica, observa-se uma crescente indiferença religiosa e, nos lares mais jovens, há ausência de sigais religiosos e de expressões de fé. A própria família sofre um processo de erosão que dificulta uma adequada educação dos filhos e, neste contexto, eivado de indisciplina, nota-se a falta de autoridade parental, de orientação moral e de modelos. E se os filhos não encontram meios de ser discípulos dos pais nas questões mais elementares, quanto mais de serem seus discípulos na fé.

Esta é, pois, uma questão central, e “Há que assinalar que não há neutralidade no despertar religioso. O desinteresse perante esta tarefa ou a ausência da prática de despertar religioso nos filhos implica a implantação de outra cosmovisão fechada à transcendência. Não é só uma lacuna;...é um obstáculo, uma espécie de vacina, de predisposição contra o religioso. Detecta-se, cada vez mais, uma situação de fé que faz, por si mesma, com que a catequese seja difícil ou então que se malogre”⁸. Assim, a catequese dos primeiros anos deve orientar-se para proporcionar o despertar religioso que a família não conseguiu facilitar.

A segunda área de intervenção, que nos parece crítica, diz respeito à relação da catequese com a construção da identidade, durante a adolescência, ou o que se designa como personalização da fé. Nesta fase da vida, o tema da religião coloca-se de forma aguda e o

⁷ Carbonell, E., “El despertar religioso y del sentido de Dios. Descripción y educación”, *Actualidad Catequética*, nº189 (2201) pp. 74-87.

⁸ Del Campo, M. (1997) - *La familia y el despertar religioso de los hijos - Vivencia y transmisión de la fe en la Familia*, CCE, EL Escorial, pp. 64-77.

adolescente quer ter uma relação própria (não imitativa ou convencional) com a fé. As atitudes e os sentimentos religiosos chegam a assumir uma forma, relativamente definitiva, bastante natural mas não crédula e sem a firmeza do adulto. Também há uma grande dependência da formação religiosa anterior⁹, pois, se é estruturada e sã, impele a pessoa a progredir e, se foi inconsequente, superficial ou conflituosa, propicia uma atitude de indiferença e abandono. Analogamente, os aspectos intelectuais, sociais e temperamentais desta fase incidem directamente na religiosidade, que depende muito das circunstâncias educativas em que se desenvolve a vida do adolescente.

Para evitar que os aspectos morais prevaleçam sobre os conhecimentos, convém oferecer-lhes razões para crer, de modo a poderem descobrir as motivações profundas da sua fé. Há que discutir, com profundidade, objectivos, motivações, consequências; integrar a formação religiosa na experiência pessoal e ajudar a interpretar os acontecimentos e experiências com uma grelha de leitura cristã. O futuro da fé dos adolescentes dependerá da capacidade que a catequese tem de promover a adopção de atitudes cristãs de vida, fruto de adesão pessoal, valorizando, como ponto de partida, a vida em casa e na escola, sob pena de se promover uma dissociação entre a formação humana e cristã.

Cabe à catequese cimentar a unidade funcional do adolescente na procura de sentido de si mesmo, da descoberta da vida, ajudando-o a compreender que a sua personalidade emergente é articulada e será potenciada pela presença real de Cristo no seu coração e na sua vida, num processo de simbiose. Para isso, deve proporcionar-se a participação activa na liturgia e o encontro pessoal com o mistério salvífico, mas explicando correctamente a sua orgânica, simbologia e sentido; potenciar a recepção frequente dos sacramentos, promovendo ocasião para um diálogo íntimo com Cristo, através da oração; fomentar o desenvolvimento das virtudes morais e formar a consciência, a partir do natural idealismo reformador e generosidade, desenvolvendo atitudes cristãs perante a vida.

⁹ Referimo-nos, claramente, à necessidade de proporcionar durante a idade escolar (9 - 12 anos) um núcleo estruturado, claro e funcional das verdades da fé, numa etapa da vida em que as crianças apreciam aprender e ainda aceitam a autoridade do adulto.

Para tal, o catequista deve estar continuamente atento ao contributo dos adolescentes, às suas questões, ao estado do seu pensamento e sentir relativamente às grandes questões humanas e religiosas. Neste contexto, a necessidade de promover a orientação espiritual personalizada, através de conversas regulares e pessoais, incentivando a forma como luta com os hábitos antigos e novos desafios e instrumento de reforço da aproximação à graça, constitui o instrumento essencial da catequese, proporcionado por catequistas bem preparados, exemplos próximos, calorosos e coerentes de fé e vida cristã.

Finalmente, quando a catequese se confronta com a necessidade de abordar com responsável criatividade o despertar religioso e, também, a personalização da fé, surge como inevitável o relançamento da catequese de adultos. Por um lado, a formação dos adultos deveria acompanhar o matrimónio e o nascimento dos filhos, fortalecendo a fé dos pais, o seu compromisso cristão e as orientações educativas por que optarão. Por outro, a catequese de adultos parece-nos ser o mais excelente meio de formação dos catequistas e a condição fundamental para o seu amadurecimento pessoal e religioso, posto que, cada vez mais, se defrontarão com exigências de catequização cada vez mais rigorosas e desafiadoras. Só catequistas maduros e esclarecidos, inteiramente comprometidos com a vivência da sua fé, poderão contribuir para a correcta formação e amadurecimento dos mais jovens. No estado actual da história, um mundo em que o normal é não crer e a crise do sentido do pecado está constantemente presente na cultura e na vida, mostra como necessitamos de cristãos sempre dispostos a dar a razão da sua esperança¹⁰ e que “deveriam conceber-se a si mesmos como essa minoria criativa e contribuir para que a Europa readquira novamente o melhor da sua herança e, deste modo, colocar-se ao serviço da humanidade inteira”¹¹.

¹⁰ Cf. 1 Pe 3, 15.

¹¹ Ratzinger, op. cit., pp. 36-37.

A recepção do Directório Geral da Catequese em Portugal

JOÃO RIBEIRO / J. CARDOSO DE ALMEIDA (*)

1. A DIFUSÃO DO DIRECTÓRIO E ACÇÕES PARA O SEU ESTUDO

A versão oficial portuguesa do Directório Geral da Catequese, sob a orientação de D. Albino Mamede Cleto, então presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã, realizou-se a partir da edição típica portuguesa da Libreria Editrice Vaticana. Veio à luz no ano de 1998, numa edição do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

Nesse mesmo ano, em Fevereiro, a Conferência Episcopal Portuguesa, reconhecendo a importância do Directório como instrumento pastoral, dedicou-lhe o estudo das suas Jornadas Pastorais.

Ainda no mesmo ano, de 14 a 17 de Abril, os Responsáveis Diocesanos da Catequese da Infância e Adolescência, no 37º Encontro Nacional, em Torres Novas, Diocese de Santarém, ocuparam-se do estudo do Directório, procurando formas de renovação da pastoral catequética. Tinha-se em vista o estudo e o “conhecimento do novo Directório Geral da Catequese”. Segundo o testemunho de D. Albino Cleto, “vimo-lo [o DGC] como documento basilar do trabalho catequético e sentimos que a sua pulsação é oportunidade óptima para nos darmos conta das novas condições em que hoje se situa a catequese”.

A Revista *Lumen*¹, de Julho / Agosto de 1998, apresenta a notícia, principais conclusões, mensagem de agradecimento aos catequistas

* Artigo publicado também na Revista da Associação de Catequetas de Espanha

¹ Conferência Episcopal Portuguesa, *LUMEN*, Julho / Agosto, 1998, Lisboa, p. 14-36. A mesma revista, no nº de Setembro / Outubro de 1997, anunciava a publicação do “Directório Geral da Catequese – o guia que orienta os redactores dos vários textos de catequese para crianças, adolescentes e adultos, tanto a nível nacional como diocesano”. Aí se anunciavam já as cinco partes do novo documento.

e discurso do Papa João Paulo II aos participantes no Congresso Catequístico Geral, ocorrido em Roma de 14 a 17 de Outubro de 1997 e dá conta das comunicações feitas no 37º Encontro Nacional. A primeira comunicação, designada de “Génese e critérios de revisão do Directório Geral da Catequese de 1997”, elaborada por Belmira Sousa, da Diocese de Leiria e membro do Conselho Internacional para a Catequese, desenha a origem do Directório a partir do Concílio Vaticano II, designadamente do Decreto sobre o Ministério Pastoral dos Bispos, nº 14, e do Sínodo sobre a Catequese. A partir dos nº 29 e 30 do DGC, e tendo em conta “alguns problemas e insuficiências a que é preciso dar solução”, apontam-se os (oito) motivos da revisão do DGC de 1971. Apresentam-se também, de forma detalhada as cinco fases da revisão e os critérios teológico-pastorais que presidiram à revisão e redacção do mesmo.

Outra comunicação desse encontro, intitulada “O Directório Catequístico Geral de 1971 e o Directório Geral da Catequese (DGC) de 1997 - Estudo comparativo”, do P. António Moiteiro Ramos, Director do Secretariado da Educação Cristã da Diocese da Guarda, que apresenta a descrição da evangelização no DGC. Compara ainda a concepção de catequese em cada um dos Directórios, destacando a novidade da catequese no Directório de 1997 por ser uma catequese de inspiração catecumenal, vinculada ao primeiro anúncio e ao serviço da iniciação cristã; realça a nova articulação das normas e critérios relativamente aos conteúdos; a pedagogia catequética; as opções importantes do DGC no que toca aos destinatários da catequese, sobretudo no reconhecimento da catequese de adultos como catequese matriz de toda a catequese; a centralidade da Igreja particular (diocese) na organização da pastoral catequética e a responsabilidade da comunidade cristã pela catequese.

Os aspectos referidos nesta comunicação aparecem depois sintetizados num “Guia de Leitura do Directório Geral da Catequese”², do mesmo autor e publicado pelo Secretariado Nacional da Educação Cristã. Na “apresentação” deste Guia, o Pe. Querubim Silva, Director do SNEC na altura, refere que este “*é um óptimo contributo para a estruturação pastoral do serviço de evangelização*” e “*um óptimo subsídio para aprendermos a estudar os documentos que nos são*

² RAMOS, P. António Manuel Moiteiro - *Guia de Leitura do Directório Geral da Catequese*, Lisboa, SNEC, 1998.

fundamentais”³. Neste sentido, este responsável nacional, refere explicitamente: “*Acolhemos a sua realização, tomamos a peito divulgá-la e recomendamos o seu uso aos pastores, aos responsáveis diocesanos e vicariais, aos grupos paroquiais de Catequese*”⁴.

A Revista “A Mensagem”, editada pelo Secretariado Diocesano da Educação do Porto, nº 331, de Abril / Maio de 1998, faz também a divulgação do novo Directório, traduzindo dois artigos de relevo: um, intitulado “Porquê este Novo Directório? – Motivações, origem e características do Novo Directório” de Mons. Crescenzo Sepe, secretário da Congregação para o Clero, e publicado na revista “Actualidad Catequética”, nº 176, do Secretariado Nacional de Catequese de Espanha; outro, designado “Apresentação do Directório Geral para a Catequese – leitura teológico-pastoral do Directório Geral para a Catequese”, de Mons. Castrillón, Pró-prefeito da Congregação para o Clero, e publicado no mesmo número da referida revista⁵.

A Revista “Voz da Catequese”, editada pelo Secretariado Diocesano da Educação Cristã do Patriarcado de Lisboa, e à qual estão ligados 15 secretariados diocesanos, nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 1999, retomou o tema “O Directório Catequístico Geral de 1971 e o Directório Geral da Catequese de 1997 – Estudo comparativo”, com ligeiras alterações sobretudo no que toca à referência, aprofundamento e desenvolvimento dos conceitos de ‘revelação’⁶ e de ‘catequese’ nos documentos anteriores do Magistério.

³ SILVA, P. Querubim – Apresentação. In: *Guia de Leitura do Directório Geral da Catequese*, Lisboa, SNEC, 1998, p. 4.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Alguns extractos destes artigos aparecem na *LUMEN*, Julho / Agosto, 1998, Lisboa, p. 26 e 29.

⁶ Este artigo retoma o já publicado na Revista Lúmen com as seguintes alterações: a parte relativa ao estudo do conceito de “evangelização” no Directório Geral da Catequese é antecedido com dois breves itens sobre a “evangelização na Constituição ‘Dei Verbum’ e “o contributo do Decreto ‘Ad Gentes’ e as explicitações da ‘Evangelii Nuntiandi’ e da ‘Redemptoris Missio’”; a parte relativa à concepção da Catequese é antecédida com um item genericamente intitulado “Alguns dos ensinamentos do Concílio e do Magistério sobre a Catequese”, em que se acrescenta a alínea “a catequese no Vaticano II” e se faz referência explícita aos Decretos *Christus Dominus* (nº 14) e *Gravissimum Educationis* (nº 4).”. Acrescenta-se ainda uma alínea (C), designada “A catequese na Exortação ‘Evangelii Nuntiandi’, onde se estuda o nº 44 e outra (D) intitulada “A catequese na Exortação ‘Catechesi Tradendae’ (1979), onde se estudam os nºs 18 e 21. À terceira parte, sobre “A catequese de inspiração catecumenal” é acrescentado o pedido conciliar da restauração do catecumenado de adultos (SC 68, Ag, 13-14; CD 14 e a citação do nº 8 da Mensagem ao Povo de Deus do Sínodo de 1977 sobre a catequese.

2. O NOVO DIRECTÓRIO NA FORMAÇÃO:

Depois de experimentados vários materiais de formação básica para catequistas, a Comissão Episcopal da Educação Cristã e o Secretariado Nacional editaram em 1999 um Curso de Formação para quem começa o ministério de catequista, com o título: “Curso de Iniciação”. É composto de cinco temas que tocam os aspectos principais da arte de ser catequista: o que é a catequese, quem é o catequista, o que, a quem e como se anuncia.

Na apresentação, o então Presidente da Comissão Episcopal fundamenta esta edição precisamente na recomendação do DGC 234, que refere a prioridade da formação dos catequistas leigos, e no Plano de Formação de Catequistas elaborado em 1997 pelo Secretariado Nacional.

O “Curso de Iniciação” mencionado utiliza cerca de cinquenta referências ou citações do DGC. Além disso, no primeiro tema, quando se quer apresentar “o que diz a Igreja acerca da Catequese”, dedicam-se duas páginas (31s.) a apresentar sumariamente o Novo Directório de 1997.

Em suma, podemos dizer que este Curso de Iniciação (formação introdutória), com um guia para o formador e um outro livro para o formando, está decididamente marcado pelo espírito e pelas luzes do Directório Geral.

Depois da formação inicial, os catequistas são convidados a realizar o chamado Curso Geral. Trata-se de um curso médio, desenvolvido em um ou dois anos, da responsabilidade dos Secretariados Diocesanos de Catequese e que abrange ainda um ano de estágio, com prática catequética acompanhada por um orientador. Este curso contempla as áreas seguintes: catequética, pedagogia, psicologia, teologia, além de algumas celebrações. Nos últimos anos, este curso geral tem estado em renovação. Depois de várias tentativas, chegou-se agora a uma estruturação definitiva, com a respectiva publicação em breve.

Para esta tarefa, o Directório foi o grande ponto de referência e orientação. A área em que a sua influência foi mais directa e decisiva foi sem dúvida a Pedagogia Catequética. Os diversos temas aí

apresentados foram inspirados no Directório, tanto na estrutura como no próprio conteúdo.

Para assinalar os cinco anos da Publicação do Directório Geral, a Comissão Episcopal da Educação Cristã aprovou a realização de Seminários de Formação para os responsáveis diocesanos e outras pessoas ligadas à Catequese. Depois de um tema introdutório a cargo de D. Manuel Pelino, então presidente da Comissão Episcopal, os temas escolhidos têm sido os próprios capítulos do Directório.

Ao mesmo tempo, o tema do Encontro Nacional de Secretariados, que se realiza sempre por altura da Páscoa, tratou já o tema da “Iniciação Cristã”, desenvolvendo uma das focagens fundamentais do Directório.

Numa palavra, o Directório tornou-se o grande “cicerone” na procura dos melhores caminhos da Catequese em Portugal e do que o Espírito diz hoje à Igreja a este propósito.

Em suma, o Directório Geral da Catequese tem sido gradualmente assumido tanto na reflexão como nas decisões de âmbito catequético. Ao mesmo tempo, continua a ser cada vez mais conhecido pelos catequistas. Recentemente, o maior momento de recepção foi, sem dúvida, a publicação do documento “Para que acreditem e tenham vida – Orientações para a catequese actual” da Conferência Episcopal Portuguesa. As Orientações colhem as principais perspectivas do Directório acerca da catequese, confrontam-nas com a nossa realidade e experiência e apresentam uma visão que consegue ser, simultaneamente, atenta à nossa realidade cultural e eclesial e fiel às grandes linhas do Magistério universal.

